

Interculturalidade e Educação Musical – caminhos e possibilidades para uma circulação musical e cultural: Pesquisa e Ação

Simpósio

Leonardo Moraes Batista
Departamento Nacional do Sesc
lbatista@sesc.com.br

Eduardo Guedes Pacheco
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
edupandeiro@gmail.com

Diewerson do Nascimento Raymundo
Departamento Regional do Sesc do Rio Grande do Sul
draymundo@sesc-rs.com.br

Cibele Lauria Silva
Universidade Estadual de Minas Gerais
cibele.lauria@uemg.br

Departamento Regional em Minas Gerais

Márcia Wayna Kambeba
ovs.omagua@hotmail.com

Andreza Gomes
Departamento Regional do Sesc Pará
andrezapedagogapa@gmail.com

Teresinha de Jesus Conceição Souza
Escola Sesc Pantanal
escola@sescpantanal.com.br

Wellington Palhielo Saad Vital
Escola Sesc Pantanal
wellingtonpalhielo@hotmail.com

Resumo do simpósio: As narrativas que compõem esse simpósio, em formato de relato de experiência, são decorrentes da realização de projeto com foco nas práticas pedagógicas

musicais e pesquisa de músicas, mestres e grupos de tradição cultural e apontam ações descolonizadoras do currículo de Educação Musical de escolas Educação Básica. Os relatos escritos a muitas mãos sinalizam o que foi desenvolvido nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2001) das escolas participantes do projeto e apontam possibilidades de práticas pedagógicas musicais descentralizadas do aspecto eurocêntrico abissal (BOAVENTURA, 2010) e hegemônico conservatorial ainda impregnado nos processos de Educação Musical Educação Básica que invisibilizam práticas pedagógicas, saberes culturais e epistemologias *outras*. O projeto, que possui o título desse simpósio objetivou levar para o espaço escolar musicalidades e práticas culturais dos povos tradicionais brasileiros buscando nesse caminho trabalhar as questões relacionadas à identidade e à diferença (SILVA, 2000). O projeto ocorreu no decorrer do ano de 2016, em cinco regiões do país, nos estados do Rio Grande do Sul, Belo Horizonte, Cuiabá, Pará e Ceará e teve seu público alvo centrado nas alunas e alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. O conceito de Interculturalidade proposto por Catherine Walsh (2001, 2005) nos auxiliou a embasar o processo pedagógico musical e cultural no debate emergente contra ao patriarcado, conservadorismo e colonialismo que ainda é presentemente demarcado nos currículos do processo de formação humana. Nesse caminho a relação de aprendizagem e ensino de músicas e culturas *outras*, nas escolas do Sesc teve total arcabouço de possibilidades e caminhos para a ampliação do conhecimento e saberes plurais de forma singular e significativa aos indivíduos. Visibilizar, (des)construir, (des)marginalizar, (re)construir e entre tantas outras palavras formaram o mosaico de abordagens que fizeram parte da ação do projeto nas escolas da instituição. A formação continuada de professores para tratar das ideias, conceitos e gestão do projeto, a pesquisa das músicas de mestres e/ou grupos de tradição cultural local/regional para a inserção de repertórios musicais e apresentações artísticas culturais nos espaços escolares em que o projeto se desenvolveu e registro audiovisual escrito do processo como um todo, foram formas que encontramos de tecer enfrentamento decolonial (WALSH, 2007; MIGNOLO, 2003, 2005) contra as abissalidades geoculturais (SANTOS, 2010) existentes no pensamento estético musical e cultural. Dividido em cinco narrativas de ações pedagógicas musicais os textos apresentam as bases epistemológicas e metodológicas do projeto fazendo encontro com identidades indígenas e afro-brasileiras no trabalho com Educação Infantil traz também enredos da paisagem sonora e musical da ferrovia Bahia – Minas no trabalho com alunos do Ensino Médio, a tradição cultural Poconeana visível na sala de aula com estudantes do Ensino Fundamental e por fim, na pisada do Coco com alunas e alunos da Educação de Jovens e Adultos, anunciam orquestradas tessituras *ordinárias* (CERTEAU, 2014) que fizeram parte da construção de um projeto que entendemos como emancipatório.

Palavras chave: Educação Musical, Currículo, Interculturalidade, Educação Básica, Formação Humana.

Interculturalidade e Educação - diálogos entre Música, Cultura e Educação:

A base epistemológica do Projeto

Leonardo Moraes Batista
Departamento Nacional do Sesc
lbatista@sesc.com.br

Resumo: Esse artigo tem o objetivo de apontar os conceitos e ideias que embasaram a prática pedagógica e caminhos percorridos no processo de construção político-epistemológica do projeto. No debate acerca de escola como espaço de produção de saberes e conhecimento, na diversidade cultural e humana que esse espaço abarca e nas proposições que o pensamento intercultural na sua inserção do currículo de Educação Musical na Educação Básica. Perpassa pelos caminhos epistemológicos que alicerçaram as ideias pedagógicas musicais da proposição do projeto que buscou visibilizar musicalidades de tradição cultural brasileira como veículo cultural na formação de indivíduos nas escolas do Sesc. As ideias postas aqui são um convite a retornarmos e pensarmos as possibilidades emancipatórias e urgentes que a Educação Musical pode vir a construir como ação educativa e também cultural nos espaços escolares.

Palavras-chave: Educação Musical, Currículo, Interculturalidade, Educação Básica

De onde partimos?

O ensino e aprendizagem musical, nos distintos espaços educativos, em especial, na escola, vão ao encontro de aspectos que envolvem apreciação, experimentação, improvisação, criação entre outros caminhos pedagógicos musicais que têm seu foco no processo de formação humana. A escola é sem dúvidas um espaço local de produção de conhecimento, sentidos e significados. Mas também é sem dúvidas um espaço que se proliferam tensões, conflitos e questões. Espaço que abarca pluralidade humana e diversidade cultural. Ora com saberes colonizados, ora descolonizados.

A partir das ideias postas acima, entendemos que o processo de Educação Musical tem diversas funções no desenvolvimento humano, seja na função estética, cognitiva e/ou social

que tal processo abrange, ainda mais se tratando do trabalho com distintos segmentos da Educação Básica que abrange Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.

Inquietos com o lugar que a Música de tradição brasileira ocupa nos espaços escolares, em muitos casos e espaços de forma estereotipada e folclorizada, buscamos no debate da Diversidade Cultural em profundo diálogo com o campo da Educação Musical caminhos que pudessem nos ajudar a pensar proposições para o trabalho pedagógico, ainda em um plano piloto, nas escolas do Sesc. Tratando especificamente do processo de Educação Musical no cotidiano da sala de aula, para ação e desenvolvimento desse projeto foi necessário repensarmos paradigmas cristalizados e quebrá-los. Foi necessário ampliarmos o nosso campo de visão sobre as distintas culturas e musicalidades que adentram no espaço escolar que são configuradas pelas redes de sotaques culturais que alunos e alunas trazem para o cotidiano da escola. E, nessas redes, os discursos musicais estão imbuídos valores, crenças e posicionamentos, o que legitima a ideia de Diversidade.

Partimos de alguns questionamentos: (a) existe um repertório musical específico para o cotidiano da sala de aula para os diferentes segmentos da Educação Básica? (b) devemos considerar o discurso musical/cultural do educando como material ponto de partida para o processo de Educação Musical (c) é importante que o aluno tenha acesso às músicas de tradição local/regional, do Brasil, da América Latina e do Mundo para ampliar o seu rol de conhecimento musical e cultural? (d) até que ponto o processo de Educação Musical pode/deve dialogar com as questões contemporâneas sinalizadas pelo debate acerca dos Direitos Humanos, das relações étnico raciais, gênero e sexualidade, cultura indígena?

Essas questões nortearam as nossas ações do projeto que objetivou potencializar os processos de aprendizagem musical escolar por meio do resgate e inserção de Músicas de tradição cultural local/regional, através de apresentações artísticas de Mestres e/ou grupos de Tradição Cultural, na perspectiva e garantia dos nossos pares – os docentes, trabalharem por meio da Educação Musical, questões relativas à diferença e identidade incorporando a ideia de Interculturalidade (WALSH, 2001, 2005). Especificamente objetivamos (a) oferecer elementos que colaborem para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade,

democracia e afirmação da diferença no processo de educação musical; (b) promover no espaço educativo uma ampla circulação de músicas de tradição local, de outros estados, da América Latina e do Mundo, visando o enriquecimento cultural de toda a comunidade escolar (alunos, professores, pais e auxiliares gerais); (c) realizar atividades musicais para todos os seus estudantes, preferencialmente, com a participação dos demais membros que compõem a comunidade escolar e local; (d) processo de formação continuada com professores e professoras, buscando a ampliação de processos educativos nesta área.

Para nos embasar nossos objetivos e proposições que abarcaram o projeto buscamos no documento da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO (2002) fundamentação político-epistemológica para o trabalho com Música, Cultura e Educação. Assim escolhemos três artigos da Declaração para destaque, a saber:

“Artigo 1 – A diversidade cultural, patrimônio comum da humanidade

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Artigo 2 – Da diversidade cultural ao pluralismo cultural

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública.

Artigo 3 – A diversidade cultural, fator de desenvolvimento

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória.”

Ou seja, os artigos da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural que destacamos nos ajudaram a pensar musicalmente dois caminhos. O primeiro centrado no discurso musical do aluno e o segundo caminho, a escola como compromisso social de proporcionar o encontro com outros mundos musicais é culturais como potência emancipatória dos currículos prescritos epistemicidas que orbitam a sala de aula invisibilizando práticas *outras* de fazer música e de perceber a pluralidade cultural que existe cotidianamente na escola.

Outro ponto que levantamos em consideração para construção da base epistemológica da proposição pedagógica que defendemos nesse texto, parte do entendimento que a cultura é dinâmica e nós quem a modificamos, pois somos seres produtores de cultura. Que sempre modifica, se transforma e se reinventa, por meio de diversificados processos e fluxos, entre os quais grupos culturais de identidades distintas existem. A cultura se constrói no cotidiano, não havendo, pois, um único lugar para se adquirir cultura, já que a entendemos como uma rede de símbolos, significados, valores a partir de construção individual e/ou coletiva.

Nessa esteira é sempre importante pensarmos no Currículo não mais como uma listagem de conteúdos mais principalmente como produção de sentidos e significados no processo de ensino e aprendizagem onde identificar o que é significativo e relevante para o aluno ou a aluna – seus gostos e preferências, seus interesses, demandas e necessidades, pode ser um caminho de encontro nessa *conversa complicada* que é feita por ambos para o trabalho pedagógico musical no cotidiano da sala de aula a partir do currículo praticado, que abrange atravessamentos, forças, argumentos, valores, saberes, interesses, e aqui o currículo de educação musical aberto, onde convergem diferentes vozes, interesses, tradições, linguagens, gêneros e histórias.

Interculturalidade e Educação Musical

A proposta de desenvolvermos uma educação musical que contempla e dialoga com a diversidade cultural pode ser um exercício pedagógico do cotidiano escolar. Cotidiano esse

entendido como processos de trocas, intercâmbios e fluxos contínuos de novos conhecimentos e saberes. Música na escola com ampla diversidade sonora e cultural por meio de inserção de concepções estéticas *outras* produzidas por distintos plurais repertórios.

A nosso ver é neste contexto que a Música e a Educação podem se relacionar mutuamente na vida dos indivíduos, nas distintas expressões que adentram os processos de formação para o exercício da cidadania. Diante dessa abordagem, entendemos que o ensino da Música tem caráter positivo na formação do indivíduo, no diálogo com a contemporaneidade do mundo em que vivemos, na diversidade humana e cultural que estão presentes nos espaços educativos e com respeito à diferença que nos compõe.

Tais princípios podem ser vinculados a diferentes processos de Educação, por cumprir um importante legado à ampliação e/ou sensibilização para uma possível ampliação do universo musical dos alunos de das aunas, presente no ato de (re)construir conhecimentos e saberes, propiciando a elxs experiências educativas que interajam com a realidade de cada cultura, realizando um ensino contextualizado com os diferentes universos musicais, praticando e vivenciando experiências culturais que retratem experiências significativas, favorecendo ao indivíduo uma visão mais ampla dos valores culturais presentes nas distintas sociedades, promovendo acessibilidade para o conhecimento e reconhecimento dos diferentes “sotaques” culturais, inclusive o seu próprio, propiciando assim, por meio do processo pedagógico musical, uma ampliação estética e artística a partir do conhecimento e da experiência com diferentes aspectos e distintas culturas.

A partir desses aspectos apontados acima observo que existem diferentes possibilidades e maneiras do processo de Educação Musical favorecer e garantir um ensino aberto, permeado de diversidade cultural diante de uma sociedade em constantes modificações e transformações, propondo ao educando fazer parte de seu próprio processo de ensino e de sua própria aprendizagem, o conhecimento de si, do outro e do mundo onde vive.

Partindo dessa concepção da ampliação do universo musical que é engendrado por escolhas culturais, considero que esse caminho pode colaborar no processo de ensino e aprendizagem musical dxs alunxs, propiciando discussões, debates e reflexões acerca da concepção de diferença e da equidade, destituindo o empoderamento posto e fundamentado

no estandarte da discriminação e do preconceito de outros mundos culturais. Creio que a partir de um processo de conhecimento, vivência e aceitação de outras culturas musicais, é dada minimamente aos alunxs, no espaço, a oportunidade de o indivíduo conhecer algo e/ou algumas culturas que até então, não eram conhecidos.

De alguma forma e/ou o ensino de Música na escola pode colaborar para a destituição do preconceito impregnado na humanidade. Pode auxiliar no rompimento dos preconceitos contra os homo/transsexuais, os negros, os índios e pessoas de outras etnias, machismo contra as mulheres e crianças, o fundamentalismo religioso e a desigualdade social, gerando o entendimento do conceito de liberdade de expressão e, ampliando o sentido de igualdade de direitos, porque somos humanos, sem distinção de raça, gênero, classe e crença (DAVIS, 2016).

Acredito que para reforçar o exercício de um currículo que perpassa por ações didáticas, o importante, seja conhecer o universo sociocultural a qual o educando vive, consome, compartilha e assim, cria a sua identidade cultural. Ou seja, é buscar no processo de ensino e aprendizagem musical, compreender que antes de propor um determinado repertório dentro de um processo pedagógico, sejam consideradas as músicas que fazem parte do dia a dia dos educandos, entendendo que ele enquanto ser social constrói nas vivências e experiências, seus valores, significados e desejos.

Pensando nos fatores desenhados acima e que a música, por meio de uma proposta educacional e cultural inserida em um espaço escolar, pode abrir caminhos para a desconstrução da veia social monocultural impregnada nos espaços escolares onde a ação intercultural é interrompida, sendo necessário, mais do que nunca, nos dias atuais propostas de negociações culturais, diálogo com o outro, no qual a identidade cultural está em constante reformulação, resignificação, reconstrução e assimilação no qual nos é permitido revisar e reformular novas formas de ver o mundo, aceitar e talvez mudar nossas concepções de crenças e valores a partir do choque cultural dado na relação com o mundo e com o outro.

Corroboro com ações educacionais com cunho intercultural nos no currículo e no fazer didático como aponta Walsh (2001, 2005) que desenharam e definem interculturalidade como um meio de emancipação e empoderamento dos indivíduos em um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito,

legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, com conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade (WLASH, 2001, p. 10-11 *apud* CANDAU, 2008, p. 52).

Dessa maneira questionamos: (a) será realmente necessário assassinar diferentes culturas em detrimento de uma única e hegemônica forma de fazer cultura? (b) será talvez que a escola não esteja enfatizando no currículo e na ação didática propostas monoculturais ao invés de ações interculturais dentro de seus muros? (c) será que nós, professores(as), talvez por um despreparado e/ou por falta de uma constante capacitação profissional, não impomos em nossa forma de ensinar nossas visões de mundo sem diálogo com o outro?

Currículo, Formação Humana, Interculturalidade e Educação Musical na Educação Básica

A partir das questões postas acima entendemos no decorrer da ação do projeto que a construção de um currículo que tenha suas bases construídas em epistemologias que dialogue com a contemporaneidade e com os saberes e conhecimentos individuais e coletivos dos atores que compõem o espaço escolar e com eles as suas redes, o processo pedagógico musical pode ter diretamente e/ou indiretamente a diversidade cultural contemplada na ação educativa emancipatória.

É de sua importância que a escola proporcione ao indivíduo a ampliação dos seus saberes a partir do que ele tem como material cultural. No âmbito da educação musical podemos trabalhar com investigações, com construções cartográficas e inserir na prática pedagógica, os sotaques musicais dos alunos. A partir desse trabalho praticado podemos

apresentar outros mundos musicais no intuito de ampliar o rol de possibilidades e encontros sonoros. É importante que esse trabalho seja mediado por distintas formas de observar as diferentes manifestações onde essas músicas são produzidas para não cometermos epistemicídios de uma prática pedagógica musical que pode ser aberta ao tecer encontros com e para os indivíduos que terão acessos a outras possibilidades de materiais sonoros.

Queiroz (2011, p. 20) propõe essa ação sob duas vertentes centrais. A primeira centrada no “universo musical trazido pelos alunos”, ou seja, como, de que maneira podemos valorizar e inserir no currículo e nos processos didáticos os sotaques musicais dos atores inseridos no processo de ensino e aprendizagem entendendo que essa proposição pode ter de alguma forma e/ou modo seu lugar efetivo na prática pedagógica no cotidiano escolar. Sobre essa primeira vertente, o autor destaca que “essas músicas além de terem significados culturais para os estudantes, possibilitam diversos trabalhos relacionados à linguagem musical, explorando aspectos como: sonoridades e timbres dos instrumentos, formas de cantar, padrões rítmicos e estruturas melódicas”. A segunda vertente “está relacionada à inserção, na prática escolar de músicas de diferentes contextos culturais, visando à ampliação e/ou transformação do universo musical dos alunos.” Ou seja, a proposição aqui dada está em consonância com uma relação que se estabelece na ação pedagógica como ato emancipatório por meio dos saberes e dos conhecimentos que se dão na construção de um currículo que contempla as distintas vozes dos indivíduos dados por um convite de coparticipação na construção coletiva ética e estética para uma ampliação do seu universo musical.

Nessa categoria podem ser incluídas músicas locais, que não tem veiculação midiática e que, muitas vezes, são desconhecidas pelos estudantes; músicas singulares de outras cidades, estados, regiões, países etc. O objetivo não é simplesmente, levar para a escola um amontoado de expressões musicais desvinculadas de suas realidades sociais, mas sim, possibilitar que os alunos reconheçam vários “sotaques”, para que, assim, possam reconhecer melhor, inclusive, seu próprio “sotaque” e, a partir daí, a seu critério, (re)significá-lo, ampliá-lo e/ou transformá-lo (QUEIROZ, 2011, p. 20).

Tais vertentes podem corroborar para um momento importante da história da educação musical brasileira, que hoje repensa e reconsidera com responsabilidade social e ética uma formação humana a partir do contato com a diversidade cultural, com as distintas identidades sonoras musicais do mundo e seus universos onde são produzidas entendendo que “reconhecer que a dominação de algumas culturas musicais sobre outras não se dá ao acaso, mas é resultado de determinantes culturais enraizadas na sociedade e na cultura e vinculadas às diferentes dimensões econômicas, raciais, éticas, de gênero, de religião” (QUEIROZ, 2015, 202).

Retomo a voz de Candau (2008), buscando algumas maneiras para pensar a diversidade cultural, a interculturalidade com foco na educação musical trazendo para a discussão alguns caminhos que possivelmente possam nos dar pistas para uma ação emancipatória em diálogo com as tensões que habitam os espaços educacionais, marcados pela crueldade intensificadora da exclusão social existente no mundo.

O primeiro ponto que a docente aponta está na **desconstrução** enfatizada pela desnaturalização “de estereótipos e pré-conceitos que povoam nossos imaginários individuais e sociais em relação aos diferentes grupos socioculturais é um elemento fundamental sem o qual é impossível caminhar” e a desestabilização do monoculturalismo e etnocentrismo de informações e dos saberes, mas sim, da “universalidade dos conhecimentos, valores e práticas que configuram as ações educativas” (p.53). Pensando musicalmente dentre de uma perspectiva intercultural e a diversidade cultural tem grande importância na esfera de repensarmos outras possibilidades e encontros epistemológicos diante de universo musical que o mundo oferece. Ou seja, repensar as formas de ver e fazer música é preponderante nesse processo a partir dos encontros com as músicas do mundo. Músicas essas que possuem outras formas de organização que não são aquelas estabelecidas pelos cânones estilísticos europeus dominantes. Músicas estas que utilizam de outros materiais, outros sentidos de produção e outros padrões de escrita e execução.

A segunda propõe a ideia de **articulação** entre igualdade de direitos e diferença de indivíduos. Ou seja, se dá na garantia de “diferentes sujeitos socioculturais se reconheça, assegurando, assim, que a igualdade se explicita nas diferenças que são assumidas como

referência comum, rompendo dessa forma, com o caráter monocultural” (p. 53). Podemos pensar em educação musical articulando os saberes e os conhecimentos propostos para o dia a dia da sala de aula com esferas que discutam o reconhecimento das distintas culturas musicais trazendo para o rol de apresentação dos distintos repertórios discussões que contenham diálogo com as questões dos direitos humanos que na contemporaneidade tem sido pauta de debate no campo da Educação.

O terceiro ponto trata do **resgate** de “identidades culturais tanto no nível pessoal como coletivo”. Acredito este ponto ser um ponto mais importante, sem menos prezar cada um dos pontos apontados pela autora, mas seja este talvez, uma forma de ser e estar no mundo, pensando a interculturalidade nos distintos processos de educação, sendo importante “esse resgate das histórias de vida, tanto pessoais quanto coletivas, e que elas possam ser contadas, narradas, reconhecidas, valorizadas como parte de processo educacional” (p. 53). Ou seja, em um país tão grande e diversificado como o Brasil que produz distintas manifestações culturais como a Catira, o Jongo, o Coco, o Siriri, o Cururu, o Ijexá, o Carimbó, o Samba, com distintos festejos e manifestações populares ficamos preocupados em inserir em nossos processos de aprendizagem musical os cânones musicais “norte americanizados” e “europeizados”, deslegitimando e desconsiderando toda uma cultura latinoamericana do qual nós brasileiros somos. Nesse propósito é interessante que

se opere um conceito dinâmico e histórico de cultura capaz de integrar as raízes históricas e as novas configurações, evitando uma visão das culturas como universos fechados e em uma busca do “puro”, do “autêntico” do “genuíno”, como essência preestabelecida em um dado que não está em contínuo movimento. Esse aspecto relaciona-se também ao reconhecimento e à promoção do diálogo entre os diferentes saberes, conhecimentos e práticas dos diferentes grupos culturais (CANDAU, 2008. p. 53 - 54).

Acredito que por no centro do currículo e da ação didática o diálogo nossas vivências, nossas culturas, nossos valores, bem como aquilo que é importante para nós e para o outro, é realmente de suma importância em um processo de educação musical, diversificadamente plural, aberto a ressignificações e a reconsiderações. É um desafio para ser trilhado todos os

dias na escola em outros espaços educativos, na relação mútua com os indivíduos, observando as distintas expressões socioculturais que adentram nos processos de formação humana e o exercício da cidadania. Cabe então, de alguma maneira, proporcionar experiências significativas, reinventando experiências do cotidiano a partir de um processo de educação imbuída de aspectos culturais advindos da convivência em sociedade, trazendo significativas contribuições para o processo educacional permeado por justiça social e cognitiva, favorecendo a ampliação, a aceitação e o respeito ao universo cultural uns dos outros.

O quarto e último eixo aponta a **promoção** da experiência. De acordo com Candau (2008), essa proposta visa promover “experiências de interação sistemática com os outros, para sermos capazes de relativizar nossa própria maneira de situar-nos diante do mundo e atribuir-lhe sentido, é necessário que experimentemos uma intensa interação com diferentes modos de viver e expressar-se” (p. 54). Com esse propósito, proponho pensar a aprendizagem musical no âmbito dos significados que são engendrados em nossas relações humanas, nos processos de formação decorrentes dos fenômenos musicais que estabelecem na vida dos indivíduos, e não preso aos padrões estético-sonoros e performáticos propriamente e ditados por um ensino modernista, metafísico. O que se propõe como objetivo da educação musical, que é o HUMANO, perpassa pela ação de possibilitarmos na escola, como propõe Queiroz (2013) está orquestrado para o indivíduo

adquirir conhecimento e habilidade que lhe permitam compreender e praticar a música a partir dos seus parâmetros sonoros dos diversos aspectos que configuram esse fenômeno como expressão artística, humana e cultural; desenvolver-se técnica intelectual e cognitiva para que possa se expressar musicalmente por meio de códigos específicos da linguagem musical; ter acesso, e vivenciar, produções musicais de representativo valor para as culturas do mundo, compreendendo a música como agregadora de características, valores e significados diversos, que tem os seus atributos vinculados aos distintos meios sociais em que o fenômeno musical é produzido; lidar com o seu universo social, participando criticamente da seleção, prática e valoração das músicas que constituem o seu entorno cultural; praticar e vivenciar uma ampla diversidade de músicas, entendendo as bases estruturais de fenômeno sonoro, mas também os significados que estabelece com os múltiplos contextos culturais (p. 116).

Por mais que esses objetivos propostos pelo educador musical sejam cruciais e fundamentais para a aprendizagem musical dos estudantes é importante também que sejam elencados elementos que o empoderem para viver na contemporaneidade diante das atrocidades e assassinatos sociais do mundo, tornando-o a se inserir nesse universo no intuito de modificar e combater o holocausto presente na ação com o outro. Que se estabeleça um elo entre a diversidade cultural, o multiculturalismo intercultural e a educação musical visando realizar jogos contínuos entre vozes que ocupam planos culturais distintos, propondo no processo de aprendizagem musical na escola o ato emancipatório, com justiça social e cognitiva nas ações didáticas, com responsabilidade social ao pensar o currículo na condução de novas formas de conceber discursos, ideias e formas de agir para uma promoção da igualdade de direitos sociais, econômicos, culturais e educacionais trazendo sempre a ideia de que somos diferentes com e identidades diversificadas.

Considerações finais

A título de considerações finais entendo que a discussão não se encerra por aqui. É vasta tem grande arcabouço para diálogo. Aqui foram esboçadas algumas ideias, reflexões e pensamentos acerca de uma educação musical intercultural orquestrada por uma diversidade cultural que circularam na ação pedagógica do projeto.

Penso que, por meio da aprendizagem musical, na sua construção de saberes com o conhecimento individual e os coletivos pode ser norteadada por uma pluralidade de concepções e ações que mantenham contínuo diálogo com o que se refere à diversidade humana que circula nos espaços escolares. Que nesses processos de aprendizagem musical seja proporcionado a construção de um currículo que possa abarcar as diferentes visões de mundo, com as valorizações e inserções das distintas identidades e sotaques musicais dos indivíduos que constroem coletivamente o espaço escolar.

Que, com tais apontamos possamos pensar desconstruir a errônea ideia e concepção de padronizações eurocêntricas que produzem e geram desigualdades permanentemente e latentes em nossa sociedade e possamos abrir espaço para outros sentidos e significados para a Música e a Cultura que é de nosso Brasil, da América Latina e do Mundo desconhecido.

Referencias

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade**: as tensões entre igualdade e diferença. In: Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

_____. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. In: **Educ. Soc.**, Campinas, V. 33, n.118, p. 235-250, jan./mar. 2012.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Diversidade musical e ensino de música. Educação Musical Escolar, Rio de Janeiro, ano 21, n. 8, p. 17-23, jun. 2011. Textos complementares à série Educação Musical Escolar com veiculação no programa **Salto para o Futuro/TV Escola** de 27/06/2011 a 01/07/2011.

_____. Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade. In: **InterMeio**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 19, n. 37, p. 95-124, jan/jun. 2013.

_____. Há diversidade(s) em música: reflexões para uma educação musical intercultural. In: **Música e Educação**. (org.) Helena Lopes da Silva e José Antônio Baêta Zille. – Barbacena: EdUEMG, 2015. – (Série Diálogos com o Som. Ensaios, v.2).

SANTOS, Boaventura Souza. Para uma pedagogia do conflito. In: **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Luiz Heron Silva, José Clovis dos Santos, Edmilson do Santos. Porto Alegre: Sulina, 1996.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 05 novembro. 2016.

Somos Todos Iguais com Cores Diferentes

Eduardo Guedes Pacheco

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
edupandeiro@gmail.com

Diewerson do Nascimento Raymundo

Departamento Regional do Sesc do Rio Grande do Sul
draymundo@sesc-rs.com.br

Resumo: O presente relato tem a intenção de compartilhar as ações realizadas no projeto “Interculturalidade e Educação Musical - caminhos e possibilidades para uma circulação musical e cultural: Pesquisa e Ação” desenvolvido no Rio Grande do Sul em 2016 através de seis unidades educacionais de Educação Infantil do SESC - RS, as quais são: Bagé, Cachoeira do Sul, Chuí, Carazinho, Erechim e Tramandaí. Cada cidade desenvolveu uma trajetória singular durante a execução do projeto, sendo acompanhadas por uma assessoria de educação musical especializada que contribuiu muito durante as ações formativas junto às equipes de educadores gaúchos que participantes. A partir da interlocução com pensadores como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Sandra Corazza, Dulcimarta Lemos Lino que este texto se propõe a relatar as atividades realizadas pelo grupo de docentes, crianças e familiares, que participaram de atividades que envolveram a pesquisa, criação e apreciação de ações artísticas e educacionais pautadas pela diversidade cultural, compreendendo as diferentes interculturais que atravessam e constituem a produção musical gaúcha, abrangendo ainda as contribuições sonoras dos povos africanos e indígenas que ao longo da história foram agregando novas sonoridades a composição musical do que se reconhece atualmente por música do Rio Grande do Sul. Em diálogo com a defesa de uma concepção de Educação, o texto apresenta as etapas de implementação do projeto, sejam elas, a formação para os professores, as apresentações artísticas e o desenvolvimento das atividades, as quais contém dentro de si o planejamento, as problematizações e a realização propriamente dita com as turmas envolvidas no projeto.

Palavras chave: Educação Musical; Diversidade Cultural; Fruição artística.

Somos todos iguais de carne e osso, mas com cores diferentes

As palavras destacadas nesse subtítulo foram pronunciadas por uma criança, que ao ser convidada a pensar sobre a diversidade humana, expressa com tons de simplicidade, complexidades que em muitos casos são traduzidas por meios de intolerâncias, violências e

preconceitos. E, que muitas vezes estão disfarçados por discursos recheados com pretensões democráticas, pautados por palavras de ordem, as quais pela sua insistente repetição (repetição do mesmo) se tornam clichês, onde a intenção não é maior que ordenar e formatar pessoas no mundo. Não é incomum, por exemplo, que as grandes mídias espalhem nas suas plataformas palavras como liberdade, criatividade, respeito, as quais não encontram no conteúdo, na forma, nos valores estéticos respaldo para tais anúncios. Isso seria diferente no campo educacional? Tomando de empréstimo as palavras da Professora Suely Rolnik (2016), o limite do regime antro-po-falo-ego-logo-cêntrico da cultura moderna ocidental, as quais desejam problematizar sobre a ditadura da construção de subjetividade moderna pautada na figura do homem branco europeu como centro de referência para a construção da identidade no ocidente, este relato, deseja discutir sobre como podemos, através da Educação Musical, deslocar, desequilibrar, desacomodar estes lugares de unificação e formatação das possibilidades de ser e estar no mundo. E aqui é importante ressaltar que estas possibilidades compartilham vontades de que as formas de intervir no mundo possam ser criadas através do fazer musical, ou melhor, através da diversidade musical que é inventada pela humanidade. Para isso, experimentar as sonoridades dos outros, seus desenhos melódicos, seus cantos, seus ritmos, suas composições é um convite para a experimentação de modos distintos de intervir, atuar e inventar a vida. E por sua vez, esta intervenção, atuação, invenção da vida, tem como objetivo, criar formas de convívio horizontais, sem hierarquizações, sejam elas étnicas, de gênero, religiosas, econômicas ou de qualquer outro tipo de verticalização nas relações entre homens e mulheres. Para tanto, este texto apresenta discussões, problematizações e ações realizadas no projeto “Interculturalidade e Educação Musical”, desenvolvido durante o ano de 2016 em seis espaços educacionais do SESC no Rio Grande do Sul.

A concepção sobre o espaço educacional tomada neste trabalho escolhe entender que docentes e discentes são convidados a ser transformados pelas possíveis relações com os conhecimentos propostos nas atividades educacionais. Saindo dos lugares convencionalmente construídos ao longo da Modernidade, onde o papel dos professores e professoras se pautou pela seguinte ideia: um fala para todos como se todos fossem um (CANÁRIO, 2005). Neste projeto, crianças e adultos participaram da criação de um território de experimentações no

qual, neste caso, o principal elemento composicional foi a diversidade cultural expressa pelo fazer musical, que pode ser encontrado no bairro da escola, no bairro da casa, no grupo familiar, nas expressões culturais locais, regionais, nacionais e internacionais. Ainda, ao tratarmos sobre quais entendimentos ajudam a compor este relato, cabe ressaltar as palavras de pesquisadora Virgínia Kastrup, em seu texto “Aprendizagem, Arte e Invenção” (2001, p. 208), onde ela diz,

A aprendizagem foi frequentemente tratada ao longo da história da Psicologia, e em sua investigação tem predominado o modelo da ciência moderna. A consequência disso é que a tônica tem recaído sobre a busca de leis da aprendizagem. Esta maneira de colocar o problema revela um caráter limitado desses estudos, pois, se por um lado, a aprendizagem é reconhecida como um processo de transformação, seja do comportamento, seja da cognição, o que aponta para sua dimensão temporal, por outro, a empresa científica busca as leis e os princípios invariantes, que regulam este processo de transformação temporal. Ora, se o processo de aprender encontra-se submetido a leis científicas, seus resultados são passíveis de previsão. O diagnóstico é que o problema da aprendizagem inventiva tem sido sistematicamente excluído da história da Psicologia. Neste campo, a aprendizagem encontra-se dissociada da invenção.

Portanto, ao criar um território de experimentações, os processos de ensino e aprendizagem propostos neste projeto tomam a possibilidade de que a relação com o conhecimento não aconteça sob o julgo da previsibilidade, ou ainda, a relação com o conhecimento musical acontece ao modo da arte, da criação. E mais, acontecem com o desejo que transformações possam nascer no que diz respeito aos comportamentos, aos entendimentos, as percepções sobre o mundo no qual estamos envolvidos. E que isso aconteça na perspectiva da invenção, da criação, e não simplesmente pautada na constatação da realidade. Queremos mais, desejamos atuar buscando que através da diversidade, da aceitação da diferença, possamos produzir mais diferenças. Não nos interessa a acomodação em lugares fixos, não nos interessa a elaboração de perfis, não nos interessa a identidade fixa. Mas sim que os “eus” (professorais e infantis) possam vivenciar muitas formas de ser, e que não se tornem prisioneiros de rótulos. O novo, as novas descobertas, sempre provisórias,

[...] tem a função de alimentar as possibilidades de vida. Nesta perspectiva, a novidade tem um valor único; porém, está prestes a escapar de novo, visto que, desde que o novo se instaura, inaugura-se, também, a dimensão de suas próprias perdas. O que leva o educador a começar tudo outra vez; e, ainda, outra vez, outra vez. (CORAZZA, 2013, p. 47).

Ao tratar das possibilidades de um Currículo no contexto educacional a professora Sandra Corazza nos faz o seguinte convite, “esse Currículo-Aventureiro não propõe gestos a serem reproduzidos ou conteúdos a serem reconhecidos; nunca diz faça como eu faço, mas convida, venha faça comigo” (CORAZZA, 2013, p. 32). Desta forma, este projeto não aconteceu por meio de prescrições para os alunos e alunas sobre diversidade e multiculturalidade, mas sim, os mesmos vivenciaram e tiveram a oportunidade de desestabilizar seus próprios entendimentos. Isso revela uma concepção de Educação. Não se trata de transmitir, passar ou informar, mas sim criar um território de encontros onde composições sobre o viver possam ser elaboradas.

Por isso, as ações educacionais aqui realizadas buscaram alimento para que acontecessem surgimentos, nascimentos de relações ainda não experimentadas. Como por exemplo, ouvir tambores de diferentes culturas e apreciar para que as possibilidades rítmicas e sonoras pudessem ser fontes de desconforto e desequilíbrio. Para Manoel de Barros (2003) estas são palavras da fonte, palavras que tem como característica exercer maior simpatia pela desordem das falas infantis do que pelas ordens gramaticais. E foi através desta proposição que assumimos a Educação como uma possibilidade de (des)nomeação das coisas. Ao (des)nomear somos convidados a criar novos nomes. Aqui nasce a possibilidade de que ao tratarmos do mundo como grande máquina produtora de diversidade, a qual inventa nomes, objetos, músicas, artes e tudo aquilo possivelmente nomeado, a chance de entrar em contato com este manancial proporciona que possamos renomear, reinventar, recriar não somente estes nomes, objetos, música e artes, mas renomear a nós mesmos. Para isso, escolhemos entender a música como forma de pensamento, a qual através de sonoridades marca um modo de atuação da humanidade no mundo (DELEUZE e GUATTARI, 1992). Por isso, nossa opção, ao propor ações educacionais pautadas pela possibilidade de exercício intercultural, assumimos como entendimento as palavras de Dulcimarta Lemos Lino (2008), as quais dizem que música é,

[...] algo que invade o lugar do brincar, de fabular, de namorar. A música não é algo que se cala ela carrega uma resistência que não pode ser interrompida. Transborda. Ressoa. Assimetria inevitável e necessária que se interliga e comunga ludicidade para afirmar que o princípio é a existência de sons. (LINO, 2008, p. 4).

Ao modo da autora acima citada, a música como possibilidade do viver, no território infantil se converte num espaço de reinvenção. Assim, o que desejamos é “Barulhar” o mundo, ou seja,

[...] o ato de fazer barulho, de sonorizar imprevisível, espontâneo e improvisado, sem prévia sistematicidade e determinação – expressa uma sensibilidade que, em sua dimensão primeira, é a de um corpo em contato com o real. Corpo que estabelece uma relação de presença e doação ao se movimentar, ao se fazer ressoar num tempo e num espaço, emergindo dele, o sensível como característica da infância. Sensibilidade de, que sendo social e histórica, é condição de pôr-se no mundo soando. (LINO, 2008, p 133).

Desta forma, os encontros educacionais dedicados a desenvolver este projeto se constituíram, como já dito, em espaços de experimentação, que tiveram como principal característica, a composição como atuação educacional. Aqui escolhemos entender que, “compor é desenhar um lugar, preestabelecer o que tem por lá, por algumas pedras, umas passagens, criar umas ranhuras que possam, quem sabe atrapalhar uma visão que era clara” (FERRAZ, 2005, p. 97).

A implementação do projeto “Interculturalidade e Educação Musical” aconteceu nas cidades de Carazinho, Bagé, Erechim, Tramandaí, Chuí e Cachoeira do Sul através de diferentes frentes de atuação que, no entanto, estavam organizadas para que pudessem servir de suporte e alimento entre uma e outra. Assim, metodologicamente o projeto foi organizado entre formações que aconteceram de forma virtual através encontros à distância via internet, e formações presenciais, as quais foram divididas em dois momentos, quais sejam, um encontro para tratar de Educação Musical com os professores responsáveis pelas turmas das unidades e uma oficina de Percussão com as crianças. Ainda compuseram esta organização 12 apresentações artísticas comandadas por mestres de tradição, grupos locais e/ou artistas contratados afim de possibilitar às crianças e à comunidade escolar como um todo, uma

experiência de fruição artística, aproximando os temas trabalhados no cotidiano, porém, sob a perspectiva da apreciação de um espetáculo.

Formações Virtuais

Através de encontros à distância, utilizando-se de um software de bate-papo, foi possível estabelecer um nível de comunicação dinâmica, que permitiu um estreitamento das relações junto às cidades participantes do projeto, a fim de que pudessem conversar sobre a proposta apresentada. Ou seja, foi a partir do coletivo que nasceram as curiosidades, os questionamentos que deram oportunidade para que as primeiras ações pudessem ser efetivadas. Possibilitou-se que unidades educacionais de diferentes cidades, com suas respectivas características, suas realidades, seus públicos distintos pudessem através do diálogo, criar zonas de compartilhamento, onde situações singulares referentes a realidade de determinado espaço educacional serviram como referência para as discussões e elaboração de ações educacionais de outros espaços. Desta forma, os encontros virtuais possibilitaram a criação de uma comunidade educacional, comunidade esta que tinha em comum a vontade de tratar de música na Educação das Infâncias a partir da diversidade cultural e multiculturalismo.

Durante um primeiro contato, certa vez fez-se um rápido exercício: nos perguntamos como os negros do Rio Grande do Sul, por exemplo, foram tratados pela história de guerras e revoluções deste Estado? Ou ainda, como no dia a dia das ações educacionais tratamos da criação artística musical não veiculada pela grande mídia? Conhecemos os músicos das cidades onde estamos atuando? Conhecemos histórias sobre como nossos familiares, e seus antepassados chegaram onde moramos? Incluímos nos nossos planejamentos pedagógicos os saberes populares, aqueles veiculados pela transmissão oral que são passadas de geração a geração e, muitas vezes estão diretamente ligados aos modos como vivemos cotidianamente? Assim, estes encontros tiveram como função ajudar a criar nosso território de experimentações, que foi acompanhado através do assessoramento de um educador musical especializado que, juntamente das equipes, foi construindo questionamentos que nos ajudaram na realização do projeto.

Compondo esta parte da execução, foram realizados outros encontros virtuais. Estes momentos foram dedicados a possibilitar o acompanhamento da realização dos trabalhos nas unidades educacionais e proporcionar o compartilhamento das vivências ao longo da execução do projeto.

Formação Presencial

As formações presenciais tiveram por função dar continuidade a criação do território de experimentações da diversidade musical iniciado pelas ações virtuais, assim como, possibilitar um acompanhamento dos planejamentos pedagógicos das escolas envolvidas no projeto. Estes encontros foram divididos em dois momentos: a) uma reunião para tratar de Educação Musical numa perspectiva de formação continuada para os professores e professoras; b) uma oficina de percussão às crianças, atendendo as turmas individualmente.

Desta forma, em cada escola durante a reunião formativa com o grupo docente foram levantadas questões referentes ao cotidiano da unidade escolar, das crianças, dos professores, da cidade e da região. Este levantamento sempre esteve acompanhado da atenção necessária para a criação de planejamentos pedagógicos que pudessem permitir a experimentação neste território em formação. Enquanto que no segundo momento, ocorreu a realização da oficina de percussão com os alunos das unidades escolares. Percebemos que a percussão, compreendida com um fazer musical, se apresenta como um local de múltiplas possibilidades. Incontáveis tipos de tambores, por exemplo, povoam as sonoridades de povos Africanos, daqueles que vivem ainda no continente negro, como também dos homens e mulheres descendentes de africanos que vivem no Brasil atualmente. A riqueza destas possibilidades é expressa através dos diversos timbres e texturas musicais que os instrumentos de percussão oferecem ao fazer musical. Ainda, é possível dizer que as sonoridades destes instrumentos carregam consigo mais que expressão sonora. Sons são grávidos de histórias, de geografias, de questões sociais as quais aspectos étnicos, de gênero entre outros, ajudam a compor a singularidade de seus sons. Desta forma, a oficina de percussão para as crianças teve como instrumentos: o pandeiro, instrumento que nasce no Oriente Médio por volta de cinco

mil anos atrás, se espalha pelo mundo e ao chegar ao Brasil, ao longo de sua estadia, se torna um dos instrumentos mais representativos da cultura popular brasileira; o djembé, tambor presente em muitos países do continente africano. Carrega consigo a peculiaridade de possuir no mesmo corpo a presença de um som densamente grave, ao mesmo tempo que possui um forte timbre agudo. Instrumento que se espalha pelas culturas percussivas do mundo e traz consigo uma história repleta de questões relacionadas a espiritualidade e a questões de gênero; o Cajón, único tambor acústico no mundo que não possui membrana para produzir seus sons. Instrumento criado por escravos peruanos que utilizavam caixas de fruta para expressar suas músicas enquanto estavam presos nos seus cativeiros; tumbadora, tambor que nasce em Cuba, que ao modo do Cajón, surge da utilização de barris de bebida por parte dos negros escravos para tocar seus ritmos trazidos da África. Como base para a realização das oficinas, os meninos e meninas das unidades educacionais além de experimentarem musicalmente estes instrumentos puderam, também, experimentar um pouco da diversidade histórica, cultural e social que compõem a musicalidade produzida pelos diferentes tambores. Este trabalho teve como principal objetivo alimentar as possibilidades educacionais guiadas pela diversidade e pelo multiculturalismo. Nesses encontros também foi possível perceber que meninos e meninas têm trajetórias que lhes possibilitaram, de uma forma ou outra, ter acesso a algum daqueles instrumentos. Seja através de um familiar, de um grupo social do qual participa ou qualquer outra situação na qual pode experimentar a percussão, mesmo que somente ouvindo. Logo, esta oficina possibilitou que os tambores pudessem ser uma das portas de entrada para os trabalhos educacionais.

Os Espetáculos

Compondo as ações pedagógicas do projeto “Interculturalidade e Educação Musical” a comunidade escolar de cada cidade teve a oportunidade de assistir a dois espetáculos musicais durante o ano. Na primeira etapa realizou-se Tamborito, Encanto Zumbi e Alabê Kekerê. Estas obras têm em seus formatos a música como principal veículo de expressão artística. Através de ritmos, melodias e dramaturgia adultos e crianças puderam experimentar um pouco da

história, dos valores e da estética musical do povo negro, apresentados em diferentes contextos históricos e sociais, contextos estes que abarcavam desde a religiosidade africana recriada no Brasil, até como no Estado do Rio Grande do Sul os descendentes de africanos criaram seus modos de cantar e tocar suas vidas nestas terras. Na segunda etapa oportunizou-se compartilhar sobre as culturas musicais Guaranis Mbya e Kaingangs, dois povos indígenas importantes na história do RS, que trazem a musicalidade ligada a histórias e mitos, como o da criação do Universo, em que a música é entendida como matéria e substância que habita e dança na atmosfera e preenche o tempo/espço. O Coletivo Cultural Tenondé (Guarani Mbya) através do espetáculo Okareguá (dança de pátio) trouxe uma vivência musical em que dança e o movimento se tornam parceiros do evento musical. Enquanto que em Kaimé e Kairú, tem-se um espetáculo com roteiro de cânticos e mitos elaborado a partir de pesquisas etnográficas utilizando como referência pesquisadores como Telêmaco Borba, Nimuendajú e Schaden.

Esta ação pedagógica, que teve a intenção de viabilizar a manifestação artístico-cultural dentro das ações programadas pelas escolas, apresenta um aspecto que merece atenção. Uma obra de arte carrega consigo um importante traço. Segundo Gilles Deleuze e Felix Guattari (1992), a arte é uma forma de pensamento, assim como a Filosofia e a Ciência. O que estas formas de pensamento têm em comum é que todas são criação. Para este filósofo pensar é criar. No entanto, a Arte enquanto forma de pensamento possui uma característica, este movimento acontece por meio dos perceptos e afectos, ou seja,

Os perceptos não são mais percepções, são independentes do estado daqueles que os experimentam; os afectos não são mais sentimentos ou afecções, transbordam a força daqueles que são atravessados por eles. As sensações, perceptos e afectos, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido. A obra de arte é um ser de sensação, e nada mais: ela existe em si. Os acordes são afectos. Consoantes e dissonantes, os acordes de tons ou de cores são os afectos de música ou de pintura". (DELEUZE E GUATTARI, 1992, p. 213).

Portanto, esta ação pedagógica propôs que os participantes experimentassem a diversidade cultural através das sensações produzidas pela obra de arte. Nesse caso, experimentaram as sensações produzidas por obras que carregam consigo acordes, gestos,

cores, palavras que ao serem proferidas, desejam muito mais que explicar, mas sim, promover uma relação com a vida através do sensível. Aqui fica expressa uma tomada de posição. Este projeto toma a Educação como uma possibilidade de relação com o conhecimento tendo a diversidade cultural como caminho para a criação de modos de vida. No entanto, esta possibilidade se apresenta também através do fazer artístico. Este fazer, no caso do nosso território de experimentações, aconteceu também através da relação com o fazer em arte, que convoca muito mais que nossas capacidades cognitivas.

Quando tá forte parece o coração batendo

O título desta secção é uma fala proferida por uma criança de Bagé ao comentar sobre a relação que estava construindo com instrumentos de percussão, em especial, os tambores. A fala revela como as Infâncias têm a capacidade de “barulhar” a sua relação com as informações e os conhecimentos com os quais têm contato.

Uma das intenções do “Interculturalidade e Educação Musical” foi criar alternativas de viver pautadas por horizontalidades entre seres humanos, sejam eles de etnias, gênero, espiritualidades ou mesmo idades diferentes. Desta forma, este projeto educacional, nestes moldes, teve por objetivo criar novas culturas de convívio, as quais envolveram também o deslocamento dos docentes envolvidos, assim como, de outras áreas e pessoas que oferecem suporte às escolas. Uma das diretrizes destas ações educacionais foi a aproximação da Educação e Cultura. O entendimento é que estas áreas estão diretamente relacionadas. Tratar da Educação através da diversidade cultural propõe que as distâncias entre o fazer cultural e o fazer educacional sejam encurtadas, e que particularidades de uma área sejam alimento para as problematizações de outra. Dentro desta perspectiva, cabe ressaltar que as cidades que participaram da ação possuem características distintas entre si. Se Bagé é uma cidade da Região da Campanha do Estado do Rio Grande do Sul, Tramandaí é um município Litorâneo. Por sua vez, Chuí é uma cidade de fronteira a qual compartilha com a cidade uruguaia chamada Chuy um espaço de convívio proporcionando a criação de sotaques singulares. Cachoeira do Sul é localizada na região central do Rio Grande e tem como característica ser o quinto município

mais antigo do Estado. Por sua vez, Erechim, a segunda cidade mais populosa do norte do Rio Grande do Sul, e Carazinho, cidades localizadas ao norte do Estado completam este mosaico. Desta forma, este projeto foi, na sua execução, um exercício multicultural.

A cidade do Chuí trabalhou a partir de três fazeres musicais distintos, que, no entanto, encontraram na percussão seus pontos em comum: o Candombe representando a música afro-uruguaia, o derbak (tambor árabe) e a musicalidade da roda de capoeira. Já Tramandaí vai lançar seus olhares para um instrumento percussivo africano muito peculiar: o Udu, que na língua dos povos Igbo e Hausa (Nigéria) significa paz. Erechim e Cachoeira do Sul optam por tratar da diversidade cultural envolvendo as famílias, momento em que cada criança pode pesquisar a origem de sua família e construir sua árvore genealógica. Conhecer seus antepassados e poder pensar as trajetórias de ancestrais, caminhos estes que envolvem as geografias, políticas, economias, espiritualidades entre outros aspectos de diferentes grupos sociais, sendo esta uma forma de problematizar como a história da humanidade fez escolhas que decidiram, por exemplo, tratar de forma diferenciada homens e mulheres de acordo com suas etnias. Carazinho desenvolveu uma pesquisa que buscou investigar os tambores que compõem o cenário artístico cultural do Rio Grande do Sul, além de ouvir, tocar e confeccionar tambores, os docentes e discentes criaram códigos rítmicos (pequenas frases), os quais serviram de forma de comunicação entre as turmas, ao modo de povos antigos utilizando os tambores para trocar informações quando separados por distâncias longas. Já Bagé encontrou referências portuguesas e espanholas na constituição da cidade. Isso conduziu ao Flamenco e ao Fado, como expressões artísticas, o que levou a ouvir e apreciar a guitarra (espanhola e portuguesa).

As ações educacionais pautadas por entendimentos multiculturais abrem espaços para a criação de trajetórias não lineares nas relações com o conhecimento. No entanto, a não linearidade é entendida como um caminho pedagógico, o qual se permite elaborar e criar planejamentos que também nasçam das situações vividas no dia a dia da escola. Assim é que se explica como tratar do presente provoca a curiosidade sobre a constituição cultural da cidade, a qual leva ao exercício de pensar sobre a diferença através de músicas, cantadas, dançadas e faladas.

Considerações Finais ou Quando tá fraco parece o som da chuva pingando

A intenção é que este compartilhamento não se limite a ser compreendido como somente a apresentação das atividades e dos procedimentos metodológicos desenvolvidos na execução do projeto, mas sim, que se coloque como uma tomada de posição, e que através do compartilhamento sobre uma concepção de Educação possa contribuir com a busca por uma sociedade mais horizontal, afastada do preconceito e das atitudes que expressem o reconhecimento das diferenças como forma de constituição de relações hierárquicas, verticais e autoritárias.

A concepção sobre esta educação multicultural expressa seus entendimentos ao modo da “chuva que pinga através de um tambor”, como disse uma criança durante a oficina, afim de que haja uma educação na e para diversidade, que não tenha interesse em lugares fixos, em organizações estáticas. Este planejamento pedagógico teve seu sentido de organização colorido por uma imensa vontade de imprevisibilidade. Ao provocar, perguntar e problematizar proposições de encontro com a diferença buscou-se alimento para a criação de novas diversidades. Espera-se que hajam outras proposições em diferentes linguagens nas escolas a exemplo desse projeto. Por isso, este texto não apresenta uma apologia a constatação, mas sim, uma celebração as quase incontáveis criações humanas, as quais se colocam como modos, maneiras de organizar a vida dentro do caos que compõe as realidades do mundo. Tratar a Educação Musical nesta perspectiva é entender a música com uma das potentes criações humanas. Propor que estas criações componham trajetórias educacionais é ampliar as possibilidades de relação com o mundo, e como já mencionado anteriormente, é importante que isso aconteça através da criação de um território de experimentações que convide não somente alunos, alunas, professores, professoras, auxiliares e gestão escolar, mas também que a família participe destes processos. Aqui estas experimentações foram cantadas, tocadas, degustadas, coloridas, vestidas, dançadas, escritas, criadas, pesquisadas, problematizadas e barulhadas. Desta forma, não se trata de prescrição, de informação, mas sim, de experimento, deslocamento e questionamentos que são provocados pela relação com a diversidade do mundo. Barulhar (LINO, 2008) o mundo com as sonoridades, com as melodias, com ritmos, com

as vozes da diferença já que afinal “somos todos iguais de carne e osso, mas com as com cores diferentes.”

Referências

BARROS, M. *Memórias inventadas: a infância*. 2ª São Paulo: Planeta, 2003.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em Educação*. Porto Alegre: UFRGS, Doisa, 2013.

CANÁRIO, R. *O que é a Escola*. Porto: Porto Editora, 2005.

FERRAZ, S. *O livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição] – um livro de música para não-músicos para músicos*. 1ªEd. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2005.

GILLES, D.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* 1ªed. Tradução: Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

KASTRUP, Virginia. *Aprendizagem, arte e invenção*. In.: Nietzsche e Deleuze – pensamento nômade. Organizador: Daniel Lins. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado, 2001.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. 2008. 392 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2008.

ROLNIK, Sueli. *A hora da micro política*. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/entrevista-com-suely-rolnik-a-hora-da-micropolitica/#gs.MYaZCYY>>. Acesso em: 15 de novembro de 2016.

Interculturalidade e educação musical no Colégio Sesc Teófilo Otoni: a paisagem sonora e musical nas memórias da ferrovia Bahia-Minas

Cibele Lauria Silva
Universidade Estadual de Minas Gerais
cibele.lauria@uemg.br

Departamento Regional em Minas Gerais

Resumo: O projeto Interculturalidade e Educação Musical: Caminhos e possibilidades para uma circulação cultural musical Pesquisa e Ação foi realizado em Minas Gerais, no Colégio Sesc Teófilo Otoni (TO), durante o segundo semestre de 2016. Ele consistiu numa intervenção para valorizar e inserir a cultura musical local a partir da conscientização e da sensibilização musical. Para isto utilizamos a metodologia dos princípios de pesquisas etnomusicológicas, com a etnografia e a história oral. Pesquisas de campo foram realizadas, considerando os contextos pesquisados, suas comunidades e diversidades culturais no resgate histórico musical da Ferrovia Bahia-Minas. Jogos, brincadeiras musicais e extramusicais de tradição oral vieram à tona, assim como as sugestões dos alunos para encontrarmos os artistas e grupos locais.

Palavras chave: Interculturalidade; Educação Musical; Ferrovia Bahia-Minas.

Introdução

Este artigo se propõe a relatar as etapas do projeto Interculturalidade e Educação Musical: Caminhos e possibilidades para uma circulação cultural musical Pesquisa e Ação realizado em Minas Gerais, no Colégio Sesc Teófilo Otoni (TO), durante o segundo semestre de 2016. A metodologia utilizada para realizar o trabalho constou de uma fase preparatória com a revisão bibliográfica sobre as áreas de Educação Musical e Cultura, Etnomusicologia e História

Oral. Além disso, foram feitas buscas documentais sobre as histórias do Vale do Mucuri, região da cidade de Teófilo Otoni, e de suas manifestações culturais.

Fizemos também pesquisas de campo a partir dos princípios da etnografia e história oral, considerando os contextos pesquisados: A comunidade do Colégio Sesc TO, os grupos culturais musicais encontrados e a equipe do Sesc, a saber: a assessora musical, a pedagoga e o cinegrafista que fez o registro áudio visual do trabalho. Realizamos visitas técnicas às cidades de Teófilo Otoni e Ladainha, com o objetivo de coletar dados e identificar os grupos de manifestações musicais locais.

As reuniões formativas e de sensibilização musical foram iniciadas em agosto de 2016 e finalizadas em novembro do mesmo ano. O encerramento do projeto culminou com a apresentação de grupos que retrataram a cultura musical local em evento escolar denominado Feira de Ideias, cujo tema foi Nos Trilhos das Águas, da História e da Música.

As ações desenvolvidas com alunos e professores, mediadas pela pedagoga e realizadas pela assessora musical contribuíram para identificarmos as características e dinâmicas do colégio e, a partir da decisão coletiva, a inserir o projeto Interculturalidade e Educação Musical no projeto da Feira de Ideias. O tema foi pertinente, pois a proposta foi fazer um resgate histórico da extinta Ferrovia Bahia-Minas¹, e a situação dos rios que cortam a região.

Jogos, brincadeiras musicais e extramusicais de tradição oral vieram à tona, assim como as sugestões dos alunos para encontrarmos os artistas e grupos locais. Procuramos identificar e valorizar as diferentes culturas que compõe o cenário e a paisagem sonora da cidade de Teófilo Otoni e a comunidade escolar do Colégio Sesc TO. Com isto iniciamos um pequeno, mas significativo acervo, com registros áudio visuais que retratam as histórias, individuais ou coletivas, as músicas e eventos, reafirmando identidades esquecidas ou oprimidas no tempo espaço. As expressões artísticas encontradas neste caminho resultaram numa diversidade sonora e musical acoplada com os relatos de história oral, poesias, e acervos

¹ Foram encontradas três utilizações do nome da Ferrovia: o oficial Bahia-Minas, com e sem hífen; e mais dois apelidos Baiminas ou Bahiminas encontrado em pesquisas e também nos relatos de moradores e ex-usuários da ferrovia.

documentais, envolvendo o antigo trecho da ferrovia entre Teófilo Otoni e Ladainha, da Bahiminas. A sonoridade do projeto se formou a partir deste mosaico de situações.

O projeto culminou em dois eventos principais: o primeiro, a Tarde Intercultural na cidade de Ladainha, com a mostra de grupos e artistas locais. E o segundo, a apresentação nas dependências do Colégio Sesc TO durante o encerramento da Feira de Ideias, que foi aberto à comunidade.

Pesquisa de Campo: Teófilo Otoni, Valão, Sucanga, Caporanga e Ladainha

As pesquisas de campo ocorreram no Colégio Sesc - TO e no trecho que compreende as cinco estações da antiga Ferrovia Bahia-Minas, entre as cidades de Teófilo Otoni e Ladainha, são elas: as estações de Teófilo Otoni, Valão, Sucanga, Caporanga e Ladainha.

O trabalho consistiu na observação e na inteiração com os pesquisados, que foram os alunos e os artistas locais, utilizando as técnicas de entrevista semiestruturada. Em Teófilo Otoni visitamos ruas, casas com acervos de documentos e a associação de ex-ferroviários que nos acompanhou nas visitas pelas estações. No museu da Associação Cultural dos Ferroviários da Bahia Minas, receberam-nos com as histórias, objetos Visitamos também algumas construções que restaram da Ferrovia, como o pontilhão, o túnel e a antiga estação, hoje rodoviária. Fomos também com os alunos para a praça central de Teófilo Otoni, onde tem uma réplica da Maria Fumaça Pojixá, Patrimônio Histórico Cultural da região.

Fora de Teófilo Otoni as visitas tomaram rumo até Ladainha, passando pelos pontilhões e túneis restantes e pelas “praças vazias e casas esquecidas”² dos ferroviários. Visitamos também os músicos violeiros da cidade, os maestros da Lira Ladainhense, uma corporação musical da cidade originada na época da Ferrovia ativa, e por isto foi uma das nossas escolhidas. Fizemos visitas à casa do Sr. Dedé, editor do Jornal *A Pedra* no qual saímos em uma das publicações. E, com maior dificuldade de contato e localização, a visita à etnia Aldeia Verde, dos Maxacalis, que atualmente está situada às margens da antiga ferrovia. Em

² Menção à música Ponta de Areia de Milton Nascimento e Fernando Brant. Um dos temas musicais do projeto.

todas elas fizemos registros áudio visuais, entrevistas abertas, identificação e contato com artistas locais para a apresentação na Feira de ideias.

Teófilo Otoni

De acordo com o site da prefeitura, a cidade de Teófilo Otoni é conhecida como a capital mundial das pedras preciosas, situada na mesorregião do Vale do Mucuri, no Estado de Minas Gerais, uma das principais cidades em termos de população, comércio e localização. Seu fundador, Theophilo Benedicto Ottoni, iniciou a colonização com a fundação da "Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri", em 1847. Os habitantes da região são “descendentes de índios, portugueses, africanos, alemães, franceses, chineses e árabes. Essa miscigenação de nacionalidades a faz diferente das demais regiões que compõem o Estado” (BARROSO e BARROSO, p. 01, 2014).

Estas comunidades conviveram desde o final do Séclo XX na mesma região, mas com territórios bem definidos. Dentre elas estavam as comunidades indígenas, dizimadas por ocupadores das terras, e a comunidade negra, de escravos que construíram a ferrovia. Após a abolição eles formaram uma comunidade de trabalhadores na Baiminas e fixaram moradia na região sul da cidade, nos arredores da estação e por onde estavam os trilhos Ferrovia (ACHTSCHIM, 2016, p 30). Algumas culturas se sobressaíram em detrimento de outras, ganhando visibilidade na cidade, do ponto de vista econômico e social. Segundo Boaventura Santos (1997), “o multiculturalismo é pré-condição de uma relação equilibrada e mutuamente potencializada entre a competência global e a legitimidade local” (SANTOS, 1997, p. 112), e o que identificamos é que a troca cultural ocorreu de forma desigual, ficando sem voz principalmente as comunidades indígenas e negras. No artigo “Nas margens da linha: território negro e o lugar do branco na ocupação urbana na cidade de Teófilo Otoni em meados do século XX” o historiador Márcio Achtschin Santos, retoma a discussão propondo um olhar mais atento sobre como foi feita a divisão territorial na cidade e como as comunidades no entorno da ferrovia constituíam basicamente de negros (ACHTSCHIM, 2016, ps. 30 - 38).

Observamos que, musicalmente, a cidade de Teófilo Otoni possui as expressões trazidas da Europa como uma orquestra jovem e um conservatório expoente na formação musical tradicional acadêmica. As diversidades culturais do entorno composta de expressões regionais populares advindas de comunidades quilombolas e indígenas ficaram à margem, somente sendo resgatada na última década, a partir de políticas públicas e educacionais. O resgate da tradição oral também ocorre pelas iniciativas individuais como a do violeiro Bilora, que se propõe preservar as suas origens, com as modas de viola, mas incorporar elementos da cultura urbana³.

Colégio Sesc Teófilo Otoni

O Colégio Sesc oferta o Ensino Médio em regime integral de funcionamento das 7h às 17h e atende 120 alunos da região. O currículo é composto pela base curricular comum e obrigatória e no contra turno é ofertada a parte diversificada do currículo, essa composta por aulas de artes, cultura, pintura e teatro. O objetivo educacional, de acordo com o site do colégio, é fazer uma educação mais humanista, voltada a compreensão e vivência da cidadania, no que se refere ao conhecimento dos direitos e deveres e, também, à totalidade do ser humano, nas dimensões ética, estética e política.

A Ferrovia Bahia-Minas

A Estrada de Ferro Bahia-Minas foi inaugurada há 130 anos para integrar o Nordeste de Minas e o Sul da Bahia e, desde sua construção, apresentou inúmeros problemas. Foi desativada em 1966 e em 2016 completou 50 anos de seu fechamento.

No entorno do Colégio Sesc TO estão algumas das construções que nos ajudaram a recontar a história da ferrovia, mas as Associações Culturais da Ferrovia Bahia-Minas, assim como os diversos informantes, tanto em Teófilo Otoni, quanto em Ladainha, foram

³ De acordo com entrevista cedida por Bilora em dezembro de 2016.

fundamentais para trazer uma compreensão do significado e, quais as sonoridades e músicas no seu entorno. As memórias dos ex-ferroviários apareceram nos depoimentos:

A ferrovia “colocava o coração do Vale do Jequitinhonha em linha direta com o litoral, em Ponta de Areia, cidade baiana de Caravelas” (LAGE, 1993, p. 33). Sua extinção é vista com tristeza pela gente do lugar, que desde então “se sente injustiçada” (LAGE, 1993, p.33 apud OLIVEIRA, p. 16, 2009).

E ele complementa que a ferrovia, juntamente com todo o imaginário no seu entorno, traz o debate dos simbolismos e significados que acompanham as narrativas e depoimentos contados pelos que conviveram com ela em funcionamento. E estas pessoas, como os filhos de funcionários, esposas, os ex-funcionários, ex-maquinistas, e os usuários que dependiam dela para viajar, têm ali, na reconstrução da sua memória, aspectos da sua identidade (OLIVEIRA, p. 16, 17, 2009).

De acordo com o dossiê de tombamento da Maria Fumaça Pojixá, e outros trabalhos sobre o Vale do Mucuri⁴, em 1898 com a implantação da Estrada de Ferro Bahia-Minas, que ligava os vales do Jequitinhonha e Mucuri ao Oceano Atlântico, houve um renascer do desenvolvimento, entretanto em 1966 a estrada de ferro foi desativada pelo Regime Militar com a consequente estagnação da região até o final do século XX. (BARROSO e BARROSO, 2014).

A Interculturalidade e a Educação Musical

A Educação Musical é uma área de conhecimento interdisciplinar, e enquanto cultura, é inerente ao contexto que pertence, ocorrendo em diversos segmentos sociais, escolar e extra-escolar, de maneira formal, informal e espontânea. É um componente ativo e intercultural com as outras áreas e formas de expressões artísticas como a dança, o teatro, as artes plásticas, visuais e literatura. Para trabalhar com a Educação Musical sob a luz da cultura temos de refazer nossas concepções e conceitos de arte, música e educação. Desde o início das

⁴ Ver ELEUTÉRIO, 2003; OLIVEIRA, 2009; MARQUES, 2010, dentre outros como as reportagens e registros na Associação dos Ferroviários Bahia Minas.

visitas às dependências do Colégio vimos a presença da música com os instrumentos musicais e com grupos de alunos tocando.

Os diferentes “mundos musicais”, que caracterizam a diversidade de expressões artísticas com seus códigos culturais, que convivem dentro de um mesmo território, dentro de uma mesma sociedade e/ou até dentro de um mesmo grupo (Finnegam *apud* Arroyo, in QUEIROZ, p, 101, 2004), são distintos por terem estilos diferentes, além de valores, organizações, práticas, modos de produção e distribuição das práticas musicais. A diversidade musical brasileira

(...) faz com que não tenhamos um único Brasil, mas sim “Brasis”, principalmente no que se refere aos aspectos artísticos/culturais. Portanto, é importante reconhecer que as diferentes manifestações da cultura brasileira, atuando em conjunto, configuram e singularizam a nossa identidade, sendo esse fato refletido nas nossas distintas expressões culturais e, principalmente, na música (Da Matta, 2001; Napolitano, 2002 in QUEIROZ, p. 102, 2004).

E esta diversidade esteve presente em todas as etapas do trabalho, com as diversas manifestações que ocorreram no período, dentre elas: a festa Alemã, as produções anuais do Mucuri Cultural, com apresentações nas praças da cidade com grupos de cultura popular da região em Teófilo Otoni e em outras cidades próximas. E todos estes são contextos de práticas musicais diversificadas e que às vezes ficam distante das escolas de ensino básico.

A educação musical contemporânea considera os diferentes contextos, escolares e extraescolares, proporcionando uma interação entre os processos de ensino-aprendizagem musical e todas as suas relações, aproximando-se do campo de estudo da etnomusicologia trazendo maior significado para as aulas de música e os contextos existentes nas escolas (QUEIROZ, p. 103, 2004).

Sem a educação musical os indivíduos podem ficar à mercê dos meios de comunicação e as imposições do mercado musical, sejam eles benéficos ou não de acordo com cada meio social e suas características.

De acordo com Candau (2008), citado por BATISTA, o conceito de Interculturalidade perpassa pelo dinamismo constante entre os diferentes contextos, onde podem conviver respeitando, fazendo um intercâmbio entre pessoas, saberes e práticas buscando novos sentidos nas diferenças.

Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade (WLASH, 2001, p. 10-11 *apud* CANDAU).

A música é um fator componente da cultura, uma expressão espontânea da humanidade inerente a todo contexto, não podendo ser, portanto analisada sem considerar seus significados e suas redes de interações devendo ser pensada não como uma complementação à educação básica, mas como uma área fundamental e de direitos humanos. Para ser compreendida e transformada a cultura, um sistema aberto irá se firmar a partir “das bases históricas cumulativas que permitirá a interpretação das práticas, dos comportamentos e dos conceitos” (QUEIROZ, p. 98, 2013).

Etnografia e a História Oral

A etnografia é uma metodologia utilizada nos estudos antropológicos e que tem como característica a interação do pesquisador com o meio pesquisado, considerando a subjetividade dos envolvidos na pesquisa. Eles se utilizam de diferentes técnicas como a coleta de dados, a observação participante e as notas de campo com registros.

Em contextos culturais distintos tivemos oportunidades de estudar e aplicar a metodologia da etnografia e a história oral, observando e registrando manifestações musicais de tradição oral (Ver SILVA, 2001 e 2011). Essas e outras práticas vão, aos poucos, relativizando nossos sentidos, onde passamos a buscar os registros ou resquícios referentes à cultura local e os desdobramentos musicais que possam ter.

Ao iniciar as imersões no campo, tanto na escola, observando os alunos, quanto pela cidade de Teófilo Otoni, e a caminho das estações de trem, ao conversar com os moradores, deparamo-nos com as memórias vivas sobre a locomotiva e os trilhos que atravessaram a região. E seguindo esses caminhos, encontramos os cenários e suas trilhas sonoras, que vieram conseqüentemente, da magia do trem de ferro, ao mistério do seu silêncio, das músicas, das poesias e das paisagens sonoras.

Oliveira (2009), em seu trabalho “Quando o trem partiu? Ferrovia, cidade, memória e identidade em Novo Cruzeiro – MG (1960 – 2007)”, relata a importância das histórias orais, das memórias e dos sentimentos imbuídos na representação que a estrada de ferro tem hoje para os cidadãos, e no seu imaginário.

A etnografia e história oral são temas que ligam com percepções e memórias, e para que tal informação venha à tona, é preciso um tempo de imersão. E, este foi acima de tudo um trabalho sobre a memória cultural musical, a história oral das pessoas em conjunto com as histórias oficiais da ferrovia na cidade.

As Intervenções Musicais e as Paisagens Sonoras

Após a etapa de observação e de discussão com professores e alunos fizemos intervenções com jogos, brincadeiras cantadas e de entrosamento. Jogos com nomes, respostas corporais a estímulos sonoros e as sensibilizações musicais com as danças circulares provenientes de diversas tradições, como as europeias, as do cancionário popular e as indígenas. Também fizemos atividades de criação com percussão corporal e vocal. Algumas vivências culminaram em brincadeiras musicais como a música “chora piranha⁵”, lembrada pelos professores que cantaram, dançaram e se expressaram de forma mais livre e significativa.

Após este processo iniciamos a etapa de registros histórico-musicais com os professores e alunos. Algumas perguntas orientadoras foram feitas, mas eles também poderiam acrescentar outras falas em relação ao seu envolvimento com a música, e a cultura

⁵ Ao buscar algumas referências encontramos a música descrita com variações no livro Panos e lendas & Avoar, de Vladimir Capella José Geraldo Rocha (2016), Editora SESI.

de forma geral, se assim o desejassem. Dentre as questões propostas estavam: Qual, ou quais músicas você mais gosta de ouvir? E, quais músicas você costumava ouvir na sua infância. Vocês tocam algum instrumento, se têm instrumento em casa, se na família alguém toca, ou canta, e se gostam de cantar, compor, escrever, desenhar e dançar.

Os relatos foram diversificados, e tiveram uma média de 50% do corpo docente que disseram já incluir a música como recurso nas suas atividades, até aqueles que praticam a música em corais, ou fazem aulas de instrumentos. O mesmo pôde ser observado no grupo de alunos, que demonstraram suas expressões nas diversas linguagens artísticas dentre elas as musicais, as cênicas, as danças, as artes visuais e a escrita. A variação também ocorreu nas interpretações e criações das linguagens artísticas.

Outra etapa da sensibilização foram as explorações de timbres corporais, trabalhando com a metodologia do Grupo Barbatuques⁶, com a improvisação e percussão corporal e também com os processos de criação com as paisagens sonoras, baseadas nas propostas do pedagogo musical canadense Murray Schafer (1991)⁷.

Alguns alunos buscaram interpretações para a música Ponta de Areia, outros, trabalharam com poesias, outros com os desenhos e com as instalações feitas nas salas de aula para a exposição na feira de ideias. Outras músicas com a temática foram surgindo no repertório trazido pelos alunos, como por exemplo: O trem das 7, de Raul Seixas; O trenzinho Caipira, de Villa Lobos; O trem da História, de Rubinho do Vale, dentre outras.

A Feira de Ideias e a Interculturalidade Musical

Evento que ocorre anualmente em colégios do Sesc, a Feira de Ideias tem um caráter criativo interdisciplinar, com temas transversais acometendo toda a comunidade escolar no mesmo projeto.

A feira de ideias ocorreu no sábado dia 19 de novembro, tendo sua abertura às 16h da tarde. Num primeiro momento, inseridos em instalações feitas pelos alunos, os convidados eram orientados a simular a compra de um bilhete de trem na estação de trem, para iniciar a

⁶ Disponível em <<http://www.barbatuques.com.br/br/index.php/sobre/>>. Acessado em 12 de agosto de 2016.

⁷ Ver SCHAFFER, R. Murray. O Ouvido Pensante, 1991.

sua viagem. Ali faziam parte da cena os alunos caracterizados e seu Arys bure, tocando acordeom, com a exposição de seu acervo de documentos e fotos da época da Baiminas. Esta parte foi orientada pelos professores que, já sendo direcionados pelos temas, considerando a Interculturalidade e Educação Musical, inseriram os elementos musicais nas exposições. Ao entrar nas salas, os convidados assistiram aos *sketches* cênico-musicais criados pelos próprios alunos.

A segunda parte ocorreu a partir das 18h, no auditório, com as apresentações musicais que envolveram os grupos escolhidos, conforme o roteiro abaixo, apresentado os artistas e grupos escolhidos no tema que foi a Ferrovia Bahia-Minas. Foram apresentadas poesias, artistas locais grupos de bandas, percussão. Seguiu de acordo com o programa acima e teve o envolvimento da plateia. A programação musical sugerida pela coordenação do projeto resultou nas seguintes apresentações:

- 1- Arys bure Batista Eleutério é ex-ferroviário e participou de forma intensa neste trabalho. Na Feira de Ideias disponibilizou seu acervo físico, que abarca fotos e documentos, seus livros e entrevistas, que esse concedeu a diversos meios de comunicação, sobre a Ferrovia. Além disso, ele foi um dos informantes principais, com suas memórias e histórias para a pesquisa etnográfica, nos acompanhando desde a primeira visita aos caminhos da Baiminas.
- 2- A Banda Lira Ladainhense de Maestro Neném (Zé Barbosa) é uma corporação musical da cidade de Ladainha, que permaneceu ativa desde os tempos da ferrovia. Foi sugerida pelos moradores da cidade para entrar nas apresentações do projeto por ser uma das mais antigas da região. Composta por cerca de 30 integrantes entre crianças, jovens e adultos, fez duas apresentações para os alunos do Colégio Sesc TO. No seu repertório constam os tradicionais dobrados de bandas até músicas que fazem sucesso na mídia.
- 3- Poesia “O último apito” de Seu Dedé: Fundador e redator do Jornal “A Pedra”, de Ladainha, foi um antigo usuário da Ferrovia. Sua casa se localiza em frente ao caminho por onde passou a Baiminas, diante de um lago, de onde também se avista a pedra de Ladainha, um de seus pontos turísticos e cartão postal da cidade.

4- Os Violeiros Darcio e Wilson Rodrigues, trouxeram canções de compositores da região, e possuem uma ação voltada ao resgate da cultura local da moda de viola.

5- O Violeiro Bilora, artista contratado, foi sugerido pelos professores como um dos representantes da cultura local, e trabalha com canções e ritmos peculiares. Nos diálogos com os alunos durante as sensibilizações musicais apenas dois disseram conhecer o violeiro, nascido na região. Seu trabalho inclui trabalhos com a etnia dos Maxacali e a valorização de comunidades musicais locais. A música “Calango na Cidade” trouxe o ritmo Calango, que tem versos e prosa, junto com a moda de viola acelerada. Uma das sensibilizações ocorreu em cima desta música, como uma proposta de resgate deste gênero musical que está situada principalmente no interior do Brasil, em sua maioria desconhecida do público. Do repertório de Bilora foram ouvidas as músicas Contramão, Calango na Cidade e Tempo das Águas, que são de sua autoria. A música Catrina, que é uma adaptação de domínio público. A música Trem da História, de Rubinho do Vale. E por último acompanhou na viola a música Ponta de Areia, com os alunos do Colégio Sesc T O cantando.

6- Percussão Corporal com os alunos: Esta proposta foi construída juntamente com os processos de sensibilização musical, durante o semestre, e de acordo com a metodologia do grupo Barbatuques, grupo de percussão corporal e ritmos brasileiros. Trabalhamos com as propostas da composição formando uma paisagem sonora musical com o tema da Ferrovia Bahia Minas, e com músicas trazidas pelos alunos que tivessem alguma relação com o tema. A música tema Ponta de Areia foi cantada por eles.

7- Grupo de percussão Batuca’Lada, sobre a regência do maestro Wandinho. Um projeto com crianças e adolescentes da cidade de Ladainha, que se aproxima dos blocos afros da Bahia, e propõe um trabalho de resgate e educação musical a partir dos ritmos brasileiros tocados. Eles finalizaram com uma proposta de sonorização da Maria Fumaça feita com os instrumentos de percussão.

Considerações finais: Ponta de Areia Ponto Final ...

Sensibilizar e ser sensibilizado foi um processo de valorização mútua e recíproca de parte de nossa história mineira com nossas histórias pessoais e coletivas. O processo desta pesquisa ainda corre vivo, ao lembrar e descrever todas as etapas vivenciadas.

Durante a realização do projeto deparamo-nos com as memórias e o significado e a sensibilização ocorreu, sobretudo para os alunos, que resignificaram parte da história da Ferrovia Bahia-Minas. Assim, para a escolha de músicas e manifestações musicais fizemos alguns trabalhos de campo, retornando sempre a cidade de Teófilo Otoni, nas suas praças, feiras, mercados, festas e escolas, e; à Cidade de Ladainha, sempre em contato com personalidades que auxiliaram em todo o processo.

A retirada da ferrovia deixa um lamento do abandono sofrido pela população. Muitos entrevistados chegaram a utilizar o termo golpe, para justificar o desmonte da malha ferroviária pelo país, pois a Baiminas não foi a única a ser arrancada, com promessas de desenvolvimento com as rodovias.

A música Ponta de Areia ganhou formas, sons, cores, cheiros e sabores. Novamente, como ocorre em pesquisas etnográficas, a convivência e as repetidas visitas trouxeram modificações dos sentidos e seus significados, a partir das redes de relações formadas. As *performances* dos alunos na Feira de ideias e os seus depoimentos foram reveladores, no quanto a Interculturalidade e Educação Musical acrescentou à escola.

“Agora, quando passo pelo centro e vejo a Maria Fumaça lembro tudo que fizemos, a viagem a Ladainha, as visitas aos túneis, antigas estações e as conversas com as pessoas da cidade”.⁸

⁸ Aluna em depoimento sobre o projeto.

Referências

Associação Cultural da Ferrovia Bahia Minas. Disponível em

<https://www.facebook.com/ACFBM-Associa%C3%A7%C3%A3o-Cultural-Ferrov%C3%A1rios-Bahia-Minas-516801728474095/> Acessado em outubro de 2016.

ACHTSCHIN, Márcio e SOREL, Igor. Rua Direita versus 'Rastacoro': Dominação e resistências em Teófilo Otoni e região no século XX (1910-1974)". Teófilo Otoni: independente, 2015.

_____. Nas Margens da Linha: Território Negro e o Lugar do Branco na Ocupação Urbana na Cidade de Teófilo Otoni em Meados do Séc. XX. Revista Espinhaço/Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - Diamantina, 2014. v. 5, n. 1, jun. 2016, p. 30-38.(online). Disponível em <http://www.cantacantos.com.br/revista/index.php/espinhaco>> Acessado em 05 de janeiro 2017.

BARROSO, L. C. e BARROSO, M. M. A. *Teófilo Otoni e demais municípios do Vale do Mucuri – Brasil: uma abordagem interdisciplinar*. In ISSN: 1690-8627 SISTEMAS, CIBERNÉTICA E INFORMÁTICA VOLUMEN 11 - NÚMERO 1 - ANO 2014.

BILORA. Biografia do Cantor e Compositor da Região. Disponível em

<<http://dicionariompb.com.br/bilora/biografia>> e

<<https://www.youtube.com/watch?v=fLmzXtDYSYA>> Acessado em 25 de agosto de 2016.

BISPO. Antônio Alexandre. Estradas de ferro e vida musical no interior baiano pela passagem do Século. Disponível em <<http://www.revista.akademie-brasil-europa.org/CM06-02.htm>>

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

_____. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. In: Educ. Soc., Campinas, V. 33, n.118, p. 235-250, jan./mar. 2012.

ELEUTÉRIO. Arys bure Batista. Estrada de Ferro Bahia e Minas: A Ferrovia do Adeus. In As Ferrovias em Minas Gerais: Belo Horizonte: SES/MG, 2003. Páginas 34 a 59.

MARQUES. Alexandre. Estrada de Ferro Bahia e Minas: A Esperança que ainda vive. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri. Ano 1 Nº 1 –Teófilo Otoni: 2010.

NOVAIS. Weber Bezerra. BAHIMINAS: Lugar De Memória Na Cidade De Teófilo Otoni (1898/1966). Dissertação do Programa de Mestrado em História da USS. Vassouras, 2007 – Universidade Severino Sombra disponível em <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099891.pdf>. Acessado em agosto de 2016.

OLIVEIRA, Pablo de Souza. Quando o trem partiu? Ferrovia, cidade, memória e identidade em Novo Cruzeiro – MG. (1960 – 2007) / Pablo de Souza Oliveira. Vassouras – RJ: Universidade Severino Sombra, 2009.

QUEIROZ. Luis Ricardo Silva. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. Revista da ABEM, Porto Alegre, V.10, p. 99-107, 2004.

_____. Diversidade musical e ensino de música. In: Textos complementares à série Educação Musicais Escolar com veiculação no programa Salto para o Futuro – TV Escola de 27/06/2011 a 01/07/2011.

Prefeitura Municipal de Teófilo Otoni. Dossiê de Tombamento Locomotiva a Vapor Baldwiy – “Pojixá” <<http://www.teofilootoni.mg.gov.br/site/wp-content/uploads/2014/12/Dossi%C3%AA-BM-Locomotiva-Pojix%C3%A1-Te%C3%B3filo-Otoni.pdf>> Teófilo Otoni, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma Concepção Multicultural de Direitos Humanos. In: Revista Lua Nova, nº 39. p. 105 – 123, 1997.

SCHAFER, R. Murray. O Ouvido Pensante. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SILVA. Cibele Lauria. Brasil de Todos os Cantos: Programas radiofônicos musicais do Projeto Minerva pelo radialista J. da Silva Vidal na Rádio Bandeirantes de São Paulo. Dissertação de Mestrado não publicada. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 20 de Setembro, 2011.

_____. Processos de Ensino Aprendizagem Musical Na Escola de Samba Pena Branca e no Bloco Rato Seco em Diamantina. Monografia de Pós Graduação em Educação Musical (não publicada). Belo Horizonte: ESMU/UFMG, 2002.

TADDEI, Angela. Sobre a Escrita Etnográfica. In: Revista Aurora, Marília: Cultura e Sociedade: Educação, Ética, Gênero e Saúde. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP. V. 05 p. 103 a 118. Edição Especial, 2012.

Músicas

NASCIMENTO, Milton e BRANT, Fernando. Ponta de Areia. Gravação da música com Nana Caymmi & Milton Nascimento. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kXABM6vuCmM>> e <https://www.youtube.com/watch?v=Bj86K1SLMDk&list=RDBj86K1SLMDk#t=170>>. Musical "Ser MINAS tão GERAIS" com Milton Nascimento, Meninos de Araçuaí e Grupo Ponto de Partida.

A interculturalidade na Educação Musical – Regional Pará

Márcia Wayna Kambeba
ovs.omagua@hotmail.com

Andreza Gomes
Departamento Regional do Sesc Pará
andrezapedagogapa@gmail.com

Resumo: A interculturalidade na educação musical considera a diversidade cultural e as suas contribuições numa sociedade miscigenada, rica e multicultural, como ferramenta singular na vida de cada cidadão. Vivemos num mundo onde as diversidades são muitas vezes tratadas como desigualdades, distinções e segregações. A interculturalidade nas escolas tem sido debatida entre as crianças contribuindo para um pensar crítico sobre o que é cultura, sobre sua identidade presente em pequenos gestos, na cor da pele, na vivência social e intelecto do aluno. A música é uma linguagem universal que contribui significativamente para a sensibilização do aluno para estas questões, tornando-se ferramenta pedagógica preciosa, contribuindo para que o preconceito e racismo sejam minimizados, transformando as diversidades em riquezas pessoais, e estimulando o ser sensível e artístico-musical do alunado. Mas, para que as crianças entendam interculturalidade é preciso que compreendam e vivenciem cultura em sala de aula, para o aprimoramento de uma reflexão crítica que se percebe nos desenhos elaborados e nas reflexões que brotam de falas e ações.

Palavras chave: Cultura, Interculturalidade e Educação Musical.

Interculturalidade e Educação

Vivemos em um país multicultural e a diversidade cultural nos últimos tempos tem adentrado as salas de aula e causado reflexões em nossos alunos. O que pensamos, como pensamos, tudo isso tem sido importante e presente nas disciplinas que trazem a cultura, a interculturalidade para o debate escolar.

Pode-se dizer que os intercâmbios culturais entre sociedades coincidem com o início da história da humanidade, desde a Grécia Clássica e o Império Romano, com as inúmeras trocas e interações ocorridas no Mediterrâneo, passando pela expansão da Europa em direção à América e a África sempre ocorreu o contato entre diferentes culturas. (Canclini, 2006)

Mas para se pensar em interculturalidade é preciso compreender a importância cultural que cada povo trouxe de contribuição para a sociedade. Cultura essa que está na vivência de cada pessoa e se expressa das mais diversas formas porque ela é entendida segundo LARAIA (2001) como um “conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade”.

A cultura está presente em tudo que compromete o pensar, sentir e agir das pessoas. A música, a literatura, a dança, etc., são as formas mais bonitas de se apresentar a cultura de um povo. Para LARAIA (2001), “a cultura é dinâmica e está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos”.

É nesse sentido que surge o contexto de interculturalidade usado para indicar um conjunto de propostas de convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre elas sem anular a diversidade, ao contrário, “fomentando o potencial criativo e vital resultante da relação entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (FLEURI, 2005).

Na educação esse assunto vem sendo cada vez mais discutido em sala, contribuindo com a compreensão que o aluno já traz de casa. Suas âncoras.

Paulo Freire considera que o docente não deve se limitar ao ensinamento dos conteúdos, mas, sobretudo, ensinar a pensar, pois “*pensar é não estarmos demasiado certos de nossas certezas*”. (FREIRE, 1996, p. 28). O pensar de maneira adequada permite aos discentes se colocarem como sujeitos históricos, de modo a se conhecerem e ao mundo em que se inserem, intervindo sobre o mesmo, isto é, aprende-se a partir dos conhecimentos existentes e daqueles que serão ressignificados mais adiante.

O saber, o sentir e o viver interculturalidade nas escolas do PA, fez-se perceber o quanto professores e alunos estão inseridos nesse contexto, contribuindo para o que chamamos de humanização e troca de saberes.

Formação de Professores do Regional Pará

A educação ainda é o melhor caminho para pensarmos e sonharmos com um mundo mais humano, justo e fraterno. No entanto, partindo da ideia de Piaget entende-se que a escola deve partir dos esquemas de assimilação das crianças propondo atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrios e reequilibrações sucessivas promovendo a descoberta e a construção do conhecimento.

O pensar educação envolve convidar os alunos desde pequenos a uma reflexão sobre sua origem. É pensando em quem foram seus avós que as crianças compreendem melhor suas raízes e o ser humano que são.

Trazendo o pensar de (MOREIRA, 2001), que nos diz que “é impossível pensar numa educação multicultural sem que nos questionemos sobre o professor e sua formação”. Para aí se pensar em questionar o modo como a escola tem trabalhado ou feito valer certos saberes, fazendo uso ou afastando de seu cotidiano práticas pertencentes a cultura. Para que não ocorra um afastamento desses saberes do currículo escolar é preciso investir de maneira eficaz na formação pedagógica e multicultural dos professores.

A Música nos proporciona uma experiência única, possibilitando formas humanamente essenciais de vivenciarmos em sociedade aspectos culturais, éticos, estéticos, religiosos, sexuais e políticos, num sentido de igualdade, pluralidade, diversidade e contemporaneidade. (Delors, 2010)

Relatos de Experiências a partir das Formações

A Interculturalidade faz reconhecer que independente de sermos pobres, ricos, negros, brancos, alegres ou tristes, é fundamental entender que somos povos, mas acima de tudo, seres humanos dotados de direitos e deveres. Assim, essa formação no processo de educação continuada é de suma importância para a garantia da intencionalidade do ensino em toda Educação Básica.

É importante ressaltar que a participação dos alunos foi de forma integral tanto nas apresentações, quanto nos relatos, tudo feito por eles com a nossa mediação. Dessa forma é possível quebrar o principal elo que se chama Desrespeito às Diferenças! Portanto, é fato que temos um leque de possibilidades para se trabalhar com a música de diferentes formas e contextos. (Prof.^a Beatriz Amaral- XXX INHANGAPI – 2016)

Projeto Conhecendo Nossas Raízes: Um olhar sobre a cultura indígena

A cultura indígena é uma temática que requer profundas reflexões acerca dos direitos existentes no entorno do cotidiano do indígena bem como, a diversidade musical existente entre esses povos, torna-se essencial reconhecer a importância dos indígenas para a construção da identidade brasileira. Assim, iniciou-se o Projeto: *Conhecendo nossas raízes: um olhar sobre a cultura indígena*, com realização de atividades de pesquisa. Com base na Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Oportunizando aos educandos conhecer, discutir e refletir sobre a cultura indígena, suas riquezas e influências em nosso país, envolvendo questões como a interação cultural, o respeito pelo plural a partir da compreensão do outro, valorizando seu mundo, suas crenças, valores e a história das populações indígenas.

Música e Interculturalidade: Uma viagem nas sonoridades culturais como práticas educativas

A música, arte de combinar os sons é uma excelente fonte de trabalho escolar porque, além de ser utilizada como terapia psíquica para o desenvolvimento cognitivo, é uma forma de transmitir ideias e informações e faz parte da comunicação social. Pela música as crianças em sala tiveram experiências com outra língua diferente da sua, com instrumentos musicais, com ritmos variados, com culturas diferenciadas.

Partindo de uma perspectiva intercultural, baseados nas vivências e conhecimentos teóricos, abriu-se um diálogo rumo à construção de novos conhecimentos e um entendimento sobre as múltiplas culturas, buscando ampliar os olhares diante do que é diferente, da cultura do outro, haja vista que, com a globalização e o avanço tecnológico, podemos viajar por outros mundos.

Viagem por outros mundos

Ao assistir o filme “*A voz do coração*”, os alunos do 4º e 5º ano, viajaram no tempo e se permitiram adentrar no mundo mágico da trilha sonora francesa. Deparamo-nos com uma riqueza melódica ao som das belas vozes de um coral formado somente por meninos. Os nossos alunos do 4º e 5º ano, se encantaram com as músicas interpretadas no filme. Logo manifestaram a vontade de aprender as músicas e assim se fez.

A trilha sonora com músicas de refinada melodia, eles percebiam suas nuances, as finalizações de frases, as partes mais fortes e mais fracas, o ritmo, e com essa percepção musical mais apurada, registraram sonoramente o filme em suas mentes, proporcionando-lhes conhecimento de outras épocas e cultura diferente das suas, do seu cotidiano e histórico musical, ampliando ainda mais seus conhecimentos. Essa vivência dá ao aluno uma bagagem cultural interdisciplinar que com certeza ampliará seus horizontes. (Prof.ª GALVÃO, Augusto, 2016)

A *música japonesa* também fez parte dos nossos estudos de sala, através do canto coral e da flauta doce. Abordamos a cultura oriental ao observarmos que na nossa escola de Castanhal há número considerável de alunos com raízes japonesas, são filhos ou netos de japoneses e percebemos que seria muito importante tanto eles como os demais alunos terem acesso à cultura musical da terra do sol nascente.

A criança ao se debruçar no aprendizado sobre outras civilizações percebe a importância de conhecer o que é nosso, para poder trocar conhecimentos culturais com outros. É muito enriquecedor poder trabalhar de forma intercultural proporcionando novas vivências e experiências que contribuem de maneira significativa para o diálogo entre diferentes culturas, estabelecendo uma aprendizagem ampla e consistente.

A música indígena nos traz uma sensação de alegria, festa e celebração. Dentro do repertório de canto da escola, ela foi trabalhada e experimentada pelos alunos, da dança aos instrumentos musicais. As crianças tiveram a presença de uma indígena, que pode trazer a interação com a música “*anawe akangatara*” de sua autoria, na língua do povo Kambeba tronco tupi, e eles passaram a ter curiosidade em saber cantar e aprender mais.

A música regional paraense tem várias influências, tais como: indígena, africana, europeia, etc. Temos o carimbó como nossa maior riqueza musical, nosso cartão postal sonoro. Esse estilo musical originou-se do instrumento “*curimbó*”, tambor com o qual se marca o ritmo. E esse gênero genuinamente paraense tem forte influência da música indígena e negra, e está presente nas atividades de música na escola de Castanhal, tanto dançado e cantado, como tocado na flauta e instrumentos de percussão.

Por meio do Projeto Música e Interculturalidade, a comunidade estudantil, os professores e demais funcionários foram agraciados com a presença do Grupo Sereias do Mar, do município de Marapanim, que tem em sua formação a presença marcante de mulheres dançando, tocando e cantando carimbó. As crianças foram muito receptivas, muito atentas a tudo, ouviram, dançaram, cantaram e tocaram o curimbó, juntamente com os integrantes do grupo estabelecendo um diálogo musical muito rico (Fonte: Professor de música –XXX Castanhal, 2016)

Outro projeto desenvolvido foi: *Nos embalos dos anos 60, 70 e 80*, ainda dentro do tema interculturalidade enfatizou os ritmos musicais, as vestimentas, as danças, tanto no que diz respeito ao cenário nacional quanto local. Com relação a cidade de Castanhal, as crianças ficaram fascinadas ao conhecer o antes e o depois da cidade, e os ritmos musicais que embalaram os tempos de seus avós.

Do Brasil a África

Conhecer um pouco mais da nossa história, a nossa origem, como foi formado o povo brasileiro, as suas características, cor de pele, do cabelo são fundamentais para nos conhecermos e nos aceitarmos como seres humanos e deste modo nos posicionarmos criticamente quanto às questões culturais e sociais numa sociedade que é marcada pelo preconceito e racismo.

Pensando na diversidade da nossa cultura, nossas raízes, o Projeto Mãe África: Descobrimo um pouco da Nossa história, foi realizado pela turma de 3º ano O Flautista. O trabalho com a turma, ainda fez uma viagem pela África, trazendo suas vestimentas, músicas, culinária. O trabalho se deu de forma interdisciplinar, pois culminou com atividades desenvolvidas pelas professoras de Arte e Educação Física.

“Arte e Cultura na forma de música”: Um momento de reflexão e interatividade

O momento de sensibilização com professores contribuiu para a elaboração de novos projetos voltados para a musicalidade. Assim foram surgindo ideias de apresentações teatrais, musicais. Foi aí que surgiu o projeto *“Arte e cultura em forma de música”* com o objetivo de ouvir música com mais frequência na escola e vivenciar momentos reflexivos a partir dela, bem como conhecer a cultura musical na década de 50 e estimular a criação musical. A escuta

musical era realizada em vários lugares: na sala de aula, na quadra, na área livre, sala de multiuso.

Em um desses momentos o aluno Daniel relatou que não gostava nem de ouvir, nem de cantar. E aí? Como ajudar Daniel? Vejamos o que nos diz a professora:

Acreditamos que a possibilidade de escolha dos estilos fez com que os alunos descobrissem o gosto pela música. Descobrimos que Daniel gostava de músicas internacionais. Ficamos felizes quando depois de observar três ensaios ele decidiu dançar com o grupo a música waka, waka, da cantora Shakira, representando a cultura africana. (Prof.^a Maria Edileusa - XXX S. Francisco, 2016)

Diante das escutas musicais as turmas envolvidas escolheram uma dança/ música para apresentar. Importante ressaltar que as crianças participaram da confecção do figurino a ser usado nas apresentações.

Para enriquecimento das atividades apreciamos vários vídeos relacionados às diversas culturas e a partir dos mesmos tivemos momentos de conversa e atividades. O encanto pela música é tanto que até os poemas e frases que ouviam tentavam criar uma batida e começavam a cantar.

A música ultrapassou os muros da escola e os pais se envolveram no projeto contemplando e enriquecendo as atividades. Em casa criavam paródias e as crianças cantavam com o grupo na escola. Eis um exemplo feito em cima da música “Aquarela” de Toquinho.

ESTUDAR NO SESC

Estudar aqui no Sesc é uma grande alegria

Todos nós reunidos formamos uma grande família.

Junto com os professores e os meus amigos aprendo

Ser melhor e educado e ter respeito por todos.

Vou guardar na memória todos os momentos vividos

*E também por em prática tudo que aprendi aqui.
No futuro sei que vou ser um grande vencedor
Agradeço todos por nos ter cuidado com amor.
Obrigado a direção, aos professores, a todos do Sesc enfim.
Sou feliz aqui!*

Rodas Cantadas – A música na vivência dos alunos da escola

A escola é um excelente espaço para desenvolver trabalhos multiculturais por ter acesso a diversas culturas. E nós temos que buscar promover a igualdade fazendo do ambiente em que estamos um espaço neutro, laico e educacional que visa proporcionar a compreensão e respeito das diferenças. É com esse pensamento e acreditando num país multicultural, constituído por diversos povos e diversas culturas, que o projeto buscou a valorização das culturas populares e de tradição na escola, por meio da área de conhecimento Música.

A música tem o poder de gerar sentimentos, empolgação, recordações, reflexões e curiosidades. Motiva a novas descobertas e isso fez com que alguns colegas pesquisassem sobre suas raízes tendo descobertas importantes. Relacionar-se musicalmente agrada e aproxima as pessoas delas mesmas e dos outros. No sentir temos na música um meio potente para ressignificação das culturas, perpetuando as bases existentes ou estabelecendo novos caminhos para os rumos dos conhecimentos aprofundados e significados verdadeiros da sociedade.

A educação é um processo social, é desenvolvimento e as diferenças continuam sendo trabalhadas sucintamente ou isoladamente em muitas escolas, mas na unidade Benevides esse assunto teve um olhar adequado, pois a cidade tem uma rica e importante história a ser expandida e reconhecida. Este município intitulado *Berço da Liberdade* merece que seu marco histórico seja repassado e os alunos orgulhem-se de seu município. Fez-se levantamentos históricos a respeito dos assuntos: formação da sociedade benevidense, origem do nome da cidade, qual o papel dos negros que foram escravizados e libertos nesta terra. Dentre outros aspectos relevantes.

Tivemos uma extensão do projeto trabalhado no último bimestre o subprojeto: *Convivência, onde estudamos* a origem da sociedade e a necessidade de conviver juntos desde os primórdios até hoje levando em consideração a relevância do ser humano sem restrições de cor, raça, crédulos e deficiência.

Desta forma a Lei de nº 11. 769/08 veio afirmar a relevância da música no âmbito escolar, procurando ressignificar o currículo em prol da formação de uma entidade aberta a pluralidade cultural. Destaca-se também os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (Lei nº 11.769/2008), para que a aprendizagem de música faça sentido na formação cultural e cidadã dos alunos desde as séries iniciais. Portanto o “*Projeto Rodas Cantadas*” proporcionou a integração com a musicalização para que todos tivessem oportunidades de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores de sequências rítmicas, dentro e fora da sala de aula.

Interculturalidade e Educação Musical

Por meio da música ou de brincadeiras foi fomentado o respeito que deve-se ter em relação a essas diferenças. As contribuições que recebemos nessa etapa de formação não ficarão estagnadas, estenderemos no decorrer de nossa caminhada de professores, despertando nos alunos o pensar crítico e reflexivo do seu lugar na sociedade. Compreender seu papel na vida escolar, na caminhada de um aluno, sendo ponte para novos horizontes é papel de todos que fazem da educação uma missão.

Ao abordar perspectivas de uma dimensão didático-pedagógica pretendemos aproximar os objetos, propondo uma narrativa em movimento. Sempre numa busca de descrever e dialogar sobre a configuração de uma forma de Educação Musical que tenha como princípios a interculturalidade e a educação unida a música. Buscou-se descrever e dialogar sobre o que as crianças pensam e percebem no mundo e as músicas presentes utilizando a dinâmica de uma abordagem teórico-metodológica que compreende a diversidade presente no dia a dia da escola e da vida. Dessa forma, a música se expressa no ambiente escolar mediante

a suas práxis, seus modos de fazer e de sentir – que envolvem a formação do ser em sua totalidade.

Nesse movimento, desejei que as crianças refletissem e dialogassem sobre questões atuais e inquietações – o que desejam estudar, qual a justificativa e questões de investigação. Nas áreas do conhecimento, os professores, como organizadores e mediadores do trabalho, procuram observar, ouvir e questionar os alunos, buscando identificar, na fala delas, o que já sabem e o que gostariam de saber sobre o tema em foco. (PROF.^a NAYAR –Salinas).

Dessa forma, os fios interculturais e interdisciplinares vão se constituindo, alargando o espaço específico dos saberes musicais, para entrar também nos saberes inerentes a outras artes, bem como aos saberes linguísticos, da natureza e da sociedade. Diversos vídeos foram apresentados para aguçar o diálogo a respeito do racismo, preconceito, feminismo, gênero, ou seja, assuntos polêmicos e que de alguma maneira impulsionam qualquer indivíduo a expor suas opiniões. Trabalhando assim a diversidade cultural, o direito à cidadania, entre outros fatores importantes e relevantes a formação educacional das crianças.

O projeto “Histórias de Índios” foi desenvolvido para fomentar os conhecimentos dos alunos sobre a cultura dos povos indígenas, de modo especial das etnias *Arara do Pará, Paracatejê- Gavião e Caiapó-Xicris* e também a *história e poesias indígenas*. Dentre os estudos feitos, passeamos pela história do Brasil do início da formação do povo brasileiro, chegando até o Pará como um dos estados que tem uma das maiores populações indígenas do país.

Os momentos de estudos proporcionaram aos alunos inúmeras possibilidades de aprendizado tais como: a pintura (grafismo indígena), produção de maracás que foram confeccionados a partir de cabaças, nessa atividade houve uma dedicação por parte deles durante toda produção, oficina de colares indígenas, dentre essas atividades destacamos a presença dos pais na realização da feira que foi de suma importância, pôs eles puderam vivenciar o que os filhos estudaram sobre a cultura dos povos indígenas.

Florescendo Reflexões: Um Pensar Intercultural

Saber ouvir é um desafio, buscar conhecer outras culturas, despir-se de preconceitos e rótulos que ao longo da vida foram sendo colecionados por nós, ou repassados pela sociedade, família, etc. Às vezes a criança chega cheia de imagens que foram repassadas, atitudes que precisam ser desfeitas. Com o decorrer do projeto, foi possível perceber mudanças, nos alunos, depois nos pais e em nós professores. Porque todos têm dentro de si algo que precisa ser ajustado. Foi percebível a presença dos pais, da comunidade e suas opiniões sempre eram ouvidas e analisadas. Esses pensamentos traziam mudanças notáveis, que enchiam de orgulho a quem lia ou escutava um relato. Ao passo que ensinávamos as crianças, reeducávamos os pais e aprendíamos mais.

O pensar crítico das crianças sobre o vivido

Ouvir os alunos é fundamental, todo professor deve fazer esse exercício de deixar o educando expressar seu pensar, seus sentimentos. E eles falam, tem voz. Vejamos o que diz o aluno:

O que eu mais gostei no projeto foi participar de duas coisas diferentes. Na primeira apresentação eu cantei no coral e agora no ultimo eu quis dançar, e gostei muito. Até acho que eu fiquei mais solto, não estou tão duro pra dançar. (GUIMARÃES, Mateus, 2016 – Sesc S. FRANCISCO).

No pensar das crianças sobre a cultura indígena percebemos que a luta por território, a forma de moradia, as violências sofridas são alguns temas que eles buscam trazer para um debate em sala de aula, nos encontros onde a presença do indígena se faz sentir. A aluna Ana Karolina de Ananindeua nos diz que:

Bom os índios são organizados sabem o que cada um tem que fazer e fazem isso corretamente. Alguns índios ainda vivem uma vida rural e em contato com a natureza. A justiça em favor aos índios não é justa, pois a leis não valem nada as pessoas não respeitam seu território e acha que eles são de outro mundo. (ANA KAROLINA - 2016).

Música e Interculturalidade: Pelo olhar da Família

Hoje, o espaço escolar tornou-se o lugar onde mais o aluno lê, reflete sobre acontecimentos que o mundo vivencia e o professor (a) tem um papel fundamental nesse processo, ele é o facilitador dessa viagem a novos saberes.

As crianças têm que aprender mais sobre a cultura de outros povos, sentimos ela mais alegre com o projeto, as formas como eles vivem, ouvimos ela dizer que os Tikuna estudavam, que eles são iguais. (HELENILDA , MÃE DA ALUNA, RANNA -TURMA PAVÃO; 2016).

A escola não faz distinção de quem apresenta deficiência ou quem não tem, todos têm igual capacidade de estar nas atividades. O que precisa é o professor saber trabalhar para que esse aluno (a) possa despertar o interesse pelas atividades e conhecimento. A mãe de um aluno, assim falou:

Olha meu filho está muito feliz com este projeto, pois vive cantando e dançando, pensa na minha felicidade de vê-lo falando, gesticulando coisas coerentes é muita satisfação. Vocês foram maravilhosos com tudo desde o início do ano por isso ele só progrediu. (FALA DA MÃE DO ALUNO – 2016)

Essa interação dos responsáveis na escola contribui consideravelmente para o aprendizado dos alunos motivando-os.

Foi perceptível o envolvimento e a felicidade de alguns pais de participarem dos trabalhos de seus filhos e, de os filhos estarem ali apresentando o que aprenderam sobre esta belíssima cultura desse povo que tanto contribuiu com nosso modo de vida. (PROF^a NAYAR - 2016)

Trazer as vozes das crianças, dos pais e professores é essencial para pensarmos a importância e a grandeza desse tema na vivência de todos que nele se envolveram. O projeto de modo geral aproximou mais os pais da escola atuando como uma forma de sensibilizar os pais a olharem mais para o desenvolvimento dos filhos. Temos vários tipos de pais: os atuantes na vida dos filhos; os que comparecem apenas nas reuniões; os que não estão preocupados e deixam por conta da escola o filho. O envolvimento da família melhora a ligação do aluno com a sua comunidade.

Considerações Finais

Segundo os PCN's, é necessário que o aluno conheça e valorize a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

A educação então, vista pelo olhar global e num contínuo movimento progressivo e permanente necessitará sempre de diversas formas de estudos para que continue contribuindo com a formação de nossos jovens, crianças, adultos, por haver em qualquer espaço diferenças individuais, diversidades de condições, ambientes que são referentes aos alunos e que precisam ser compreendidos, sentidos para serem respeitados. E as atividades desenvolvidas no projeto Interculturalidade envolvendo a música que contribuiu para que as crianças das escolas do Pará pudessem aguçar sua sensibilidade para o universo dos sons.

A cultura é como um rio não para de correr em uma direção, ela não pode estagnar, precisamos acompanhar seu curso entendendo que podemos conviver com as diferenças, nos colocando sempre como pessoas em constante estado de mudança. Portanto, sentir a cultura

ecoando pelos corredores de cada escola foi importante para o fortalecimento de nossas raízes, de nossos saberes, ouvir o outro, sentir que cada povo tem sua forma de vivenciar seu espaço, que cada professor tem sua forma de territorializar sua sala de aula e que cada sala de aula é um território do saber fazer e saber viver cultura, educação, música e interculturalidade.

Quiçá as escolas do Brasil públicas e privadas encontrassem na música sua forma de ensinar as disciplinas sem esquecer que a sala de aula é um espaço da diversidade e poder trabalhar esse saber nos alunos, buscando somar forças em prol de um bem viver como nos ensinam os povos indígenas na sua simplicidade e sabedoria milenar.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

DELORS, Jaques. *Educação um tesouro a descobrir*. SP. Editora Cortez, 2010.

FLEURI, Reinaldo Matias, *in Palestra proferida no V Colóquio Internacional Paulo Freire - 2005*. www.paulofreire.org.br/Textos/fleuri_2005_recife_resumo_e_texto_completo.pdf

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – Coleção Leitura

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEI Nº 11.769, DE 18 DE AGOSTO DE 2008. (Sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica).

MOREIRA, Marco Antônio. *Teoria da Aprendizagem*. São Paulo, EPU, 1999.

MOREIRA, A. F. B. (2001). Currículo, cultura e formação de professores. *Revista Educar*, Curitiba, Editora da UFPR, n. 17, p. 39-52.

Parâmetros Curriculares Nacionais 1º ao 5º ano (portal.mec.gov.br) Proposta Pedagógica do PROJETO HABILIDADES DE ESTUDO (PHE).

Proposta Pedagógica do projeto Habilidades de Estudo. Rio de Janeiro, 2000.

Interculturalidade na Cultura de um povo:

Mascarados um relato de experiência

Teresinha de Jesus Conceição Souza
Escola Sesc Pantanal
escola@sescpantanal.com.br

Wellington Palhielo Saad Vital
Escola Sesc Pantanal
wellingtonpalhielo@hotmail.com

Resumo: Este artigo trata de um relato de experiência e tem como propósito validar o legado do musicólogo “*Mario de Andrade*”, que muito contribuiu para a valorização da música brasileira, calcadas nos cantores populares e nas manifestações interioranas. Vivemos em uma cidade na qual o interculturalismo é onipresente pois, preserva manifestações culturais com influências variadas, que ganham significativas expressões em: danças, folguedos, festas religiosas e cânticos. O projeto *Interculturalidade na Cultura de um povo: Mascarados* surgiu para ampliar os conhecimentos dos alunos sobre esta manifestação cultural. Durante o ano letivo de 20016, professores e alunos pesquisaram sobre o tema e fizeram importantes descobertas, que contribuíram para o conhecimento e vivência musical dos envolvidos. Os eventos – pesquisas, entrevistas, oficinas de instrumentos não convencionais, encontros com os integrantes do grupo, trabalho com arte visual, as danças e performances, foram pensados para que todos interagissem de forma recíproca, para conhecer sua origem, seus valores e preceitos. Assim, através do convívio, da interação com o grupo citado, os nossos alunos puderam estabelecer uma relação de troca de experiências, de respeito e valorização da nossa cultura.

Palavras chave: Interculturalidade, professores, alunos, vivência musical.

O projeto Interculturalidade na Cultura de um povo

No início de 2015 tivemos a ideia de realizar um projeto que pudesse integrar todas as turmas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental da nossa escola, com o propósito de estimular ações de pesquisas e estudos, que engajassem não apenas os professores mas também seus alunos e se possível seus pais e a comunidade. Entre os vários temas propostos

consideramos um que, a nosso ver, se mostrou de importância central: as manifestações culturais próprias da nossa cidade.

Nossa escolha se fundamentou no fato de que um dos traços mais marcantes de nossas manifestações culturais é a presença da música e dos movimentos corporais (na grande maioria dos casos enquadrando-se naquilo que Mário de Andrade definiu como “Danças Dramáticas”) e que nossos alunos situam-se na faixa etária de 3 a 12 anos, idades em que o corpo da criança se constrói e que os movimentos com arte, música e expressão se mostram recursos valiosos para a formatação de sua identidade.

A aprendizagem do movimento refere-se a uma progressiva aquisição de habilidades motoras. Numa concepção contemporânea de que a Educação Infantil, além de apropriar e desenvolver ações corporais, propicia à criança o conhecimento de seu corpo, e enriquece suas possibilidades de movimentar-se expressivamente, bem como desenvolve e amplia outras formas de conhecer o mundo. A aprendizagem, nesta concepção, é algo mais amplo do que o uso prático de habilidade. Ela corresponde mais a um saber corporal que deve incluir a função indicativa de estados afetivos à medida que a criança cresce e em suas capacidades de representar, por meio de movimentos mais elaborados, sentimentos e ideias, como na dança (PROPOSTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, p. 74).

O projeto “Interculturalidade na Cultura de um povo: Mascarados” teve início a partir do encontro que tivemos com um educador e musicólogo conceituado, em nossa escola. Após estudos e discussões durante essa formação, ficou perceptível que ao propor um trabalho musical, as habilidades de cada professor, seja ele especialista ou não, ele será sempre ao tocar, cantar, gesticular referência para seus alunos. Apresentamos a necessidade de elaborarmos um projeto que evidenciasse a cultura da nossa região, então, esquematizamos a estrutura do projeto e fizemos alguns encaminhamentos para orientar nossas ações, e, após as devidas reflexões, iniciamos a implantação do mesmo no primeiro semestre letivo de 2016. Optamos por adotar um roteiro semelhante para toda a equipe envolvida, tendo em vista

referenciar nosso trabalho e assim podermos organizar os resultados finais com maior facilidade.

Entre os diversos aspectos trabalhados durante o processo de implantação do projeto avaliamos que um dos mais marcantes foi de fato a interação obtida junto aos professores, alunos e funcionários, bem como junto à comunidade de pais de alunos e representantes das músicas e danças dos Mascarados.

No entanto, houve um elemento diferencial que perseguimos a nível institucional desde o início de nossa proposta: o conhecimento produzido em sala de aula, pelos professores e seus alunos, deveria ter origem mais ampla do que as fontes usualmente utilizadas, como livros, apostilas e outros materiais de natureza didática. Consideramos que poderia ser uma experiência de grande significado, para todos e não apenas para os alunos, “sairmos” da escola e irmos em direção às fontes vivas da comunidade, depositárias da memória cultural e possuidoras de informações genuínas a respeito dos temas que havíamos visado trabalhar.

Uma das maiores belezas desse projeto foi assim termos criado e praticado conhecimentos com base em depoimentos, visitas, entrevistas e expressões de realidades vivenciadas por protagonistas da nossa cultura local.

Aprender música significa integrar vivência, percepção e reflexão, visando à construção de experiências mais elaboradas. Por meio do fazer musical, da apreciação e da performance, a música na escola tem a proposta de dar acesso ao mundo musical. Ouvir diversos tipos de música, brincar de roda, aprender a cantar e/ou tocar uma música, criar brinquedos rítmicos são atividades que estimulam, despertam e desenvolve o gosto pela atividade musical (PROPOSTA PEDAGÓGICA DO ENSINO FUNDAMENTAL, ANOS INICIAIS, p. 227).

A escola se tornou assim, nesse período, um verdadeiro laboratório onde foram processadas experiências diretas e indiretas, e que integrou diversos segmentos da instituição e da sociedade. Ela se transformou num espaço de saber que incluiu a valorização de elementos fundantes de nossa cultura, evidenciando justamente que os “saberes” estão presentes tanto no seu interior quanto no exterior, tanto dentro quanto fora dos livros e que, como centro

formador e educativo, aglutinador e difusivo, nossa escola pode desempenhar um papel ainda mais fundamental na vida de todos os membros da comunidade.

Tivemos aqui um ponto de encontro de muitos participantes, alimentados pela curiosidade de conhecer melhor nossa história e cultura, não apenas como se manifestaram no passado, mas sobretudo como podem ser recriadas e usufruídas no presente, de maneira a que, assim vivas, possam indicar os movimentos necessários de nosso futuro.

O subprojeto “Musicarados”

A música tem um lugar importante na vida das crianças. Muito cedo elas se interessam pelos sons, querem saber de onde eles vêm e de que maneira são produzidos. Hoje se sabe que, ainda no útero materno, as crianças escutam e produzem sons. Ao nascer, e à medida que crescem, passam a utilizá-los como recursos importantes para compreender o mundo e se comunicar. Encantam-se com os sons do ambiente e também quando os adultos cantam para elas. Antes mesmo de falar, as crianças produzem sons, os identificam e tentam repetir as melodias que os pais e outras pessoas cantam. A música é uma forma poderosa de comunicação que está, portanto, na base da comunicação humana. Para a formadora musical brasileira Joly (2006),

relacionando educação e diversidade cultural, nos lembra um importante aspecto: o de que a escola é um agente fundamental na formação cultural do indivíduo, enfrentando o desafio constante de reconhecer, acolher e trabalhar com as diferentes bagagens culturais que cada aluno traz consigo e que estão presentes no ambiente da sala de aula como um todo. Nesse sentido o diálogo entre as diferentes culturas passa a ser fundamental para que haja troca de experiências e uma consequente ampliação do universo cultural dos alunos (JOLY, 2006, p. 81).

Foi nesse sentido que, através do subprojeto “Musicarados” – expressão que criamos, fazendo um jogo com as palavras “música” e “mascarados” -, todas as turmas da Educação Infantil ampliaram seus conhecimentos musicais e culturais. A fonte de informação direta e

também de inspiração a que recorreremos foi o grupo Mascarados. Segundo as pesquisas, a dança e a música que apresentam são muito apreciadas pela população e pelos turistas de diferentes lugares que visitam nossa cidade.

Breve histórico

A dança dos Mascarados é uma manifestação folclórica rica e misteriosa, cuja origem não está documentada. Existem muitas especulações a seu respeito, mas a afirmação mais recorrente entre os populares é a de que ela nasceu das manifestações e costumes dos índios Beripoconés e foi modificada ao longo dos anos pelos espanhóis e portugueses.

Atualmente ela é muito apreciada nas festas de São Benedito e Espírito Santo, no dia da iluminação. Segundo registros coletado nos Órgãos de Turismo e Meio Ambiente, desde 1915 o primeiro marcante, fez com que esta dança fosse passada de pai para filho, fortalecendo o compromisso de transmitir essa tradição aos mais jovens a fim de que ela não desapareça do nosso contexto cultural.

As informações que apresentaremos aqui referem-se as características dos Mascarados tal como ele ocorre nesta cidade, foco de nossa pesquisa e estudo.

Coreografia do grupo

O grupo dos Mascarados é formado por pessoas simples, todos eles homens. O espetáculo é normalmente realizado por 27 integrantes divididos em 12 pares e mais 3 pessoas que formam a Baliza. Cada componente da Baliza tem a sua função: o do centro carrega um longo mastro de madeira (que é utilizado na 4ª parte da apresentação), enfeitado com 12 fitas coloridas presas no cume a uma pequena coroa; o da esquerda, segura um pedaço de madeira que é usado para apoiar os dançantes na formação de reverência aos santos e aos festeiros; e o da direita leva consigo uma bandeirinha com a imagem de São Benedito ou de outro santo que o grupo deseje homenagear. Esta bandeirinha mede aproximadamente 40 por 60 centímetros, possuindo na parte superior uma haste feita de tecido leve e colorido pintado à mão.

Existem também outras atribuições para os participantes que compõem o grupo. *Mestre* é a denominação dada à pessoa responsável pelo grupo. *Marcante* é o integrante que tem a responsabilidade de transmitir a tradição aos mais novos, ensinando as coreografias e marcando os passos com um apito.

Podemos considerar Mascarados como um espetáculo ou como “dança dramática”, nomeação dada por Mário de Andrade ao se referir a eventos tradicionais de nossa cultura, integrando música, dança, tema, roteiro, indumentárias, etc. Mascarados é integrado originalmente por 12 coreografias distintas: *Entrada ou Cavalinho, Primeira, Segunda, Trança Fitas, Joaquina, Harpejada, Caradura, Maxixe de Humberto, Carango, Lundu, Vilão e Retirada*. As coreografias são realizadas tendo por base diferentes músicas e mediante passos peculiares e vibrantes, gerando assim grande entusiasmo no público do começo ao fim do evento.

O ritmo da dança surge das toadas interpretadas pela Banda Municipal, que participa praticamente de todas as suas apresentações.

Música e Banda

A performance dos dançarinos é marcada pela presença animadora da Banda Municipal, que possui 14 integrantes e é regida pelo mestre. Ela entretém também, em outros momentos, festas tradicionais religiosas e cívicas nesta pitoresca cidade.

São 7 os instrumentos que normalmente a constituem, a saber: 2 saxofones, 1 pistom, 1 tuba, 1 caixa-clara, 1 tambor e 1 par de pratos.

Não localizamos nenhuma informação ou documento atestando a criação das músicas tocadas pela banda em Mascarados. Elas sempre foram passadas pelo mestre aos músicos sem nenhuma partitura ou registro. Pelo que se sabe até então, sua origem é europeia, com raízes que parecem se reportar a Áustria, passando pela Espanha, de onde foi trazida até esta região pelos espanhóis.

A Banda Municipal teve início no século passado quando um maestro foi enviado do Rio de Janeiro para organizá-la. Durante as noites de lua cheia, os integrantes saíam

percorrendo as ruas da cidade, parando em frente à casa de amigos ou pessoas importantes da sociedade, para a execução de valsas, tangos e mazurcas, enquanto todos se sentiam animados dançando noite adentro. Antigamente, ela era composta somente por homens, mas, após algumas décadas houve o ingresso de integrantes femininas iniciada por uma mulher musicista. A Banda Municipal possui também a característica de ter um certo grau de parentesco entre seus componentes.

No início, as músicas não eram escritas em partituras e seus integrantes aprendiam as partes que deveriam tocar “de ouvido”. Nos dias de hoje, elas já estão pautadas (isto é, escritas em partituras), mas seu acesso é restrito, pois a tradição ainda é de se aprender as músicas da mesma maneira que antigamente. Este é um dos grandes desafios para aqueles que desejam, atualmente, participar da banda.

Preparação dos trabalhos em sala de aula

Para investigar os conhecimentos prévios dos alunos, os diversos professores lançaram para as suas respectivas turmas a seguinte pergunta: *O que sabemos sobre a dança dos Mascarados?*

- _ “As pessoas usam máscaras para dançar”
- _ “A roupa é colorida”
- _ “A roupa tem bastante flor”
- _ “As máscaras são engraçadas, tem um chapéu com muitas penas”
- _ “Na máscara tem tinta preta”
- _ “A Banda Municipal toca”
- _ “No dia da iluminação tem mascarados”
- _ “Meu pai disse que todos que dançam são homens”

Essas respostas mostram quantas informações nossos pequenos alunos possuem, bem como seu grau de observação. Essas falas provam também que já possuem muitas leituras de mundo e a importância de que elas possam trazer para a escola todas as suas vivências.

Para conhecerem a história, a cultura, a dança e a música dos Mascarados, projetamos o vídeo “Os Mascarados”. Em resposta, elas fizeram vários comentários interessantes e produziram belas ilustrações para representar o grupo. Depois, cada uma das turmas confeccionou um bilhete coletivo, informando a seus respectivos pais sobre o nosso objeto de estudo e pesquisa: A Musicalidade na Cultura de um povo, com ênfase no Grupo dos Mascarados.

O canto de trabalho “Musicarados” em sala

Para iniciar os estudos, adornamos com brilhos e lantejoulas o nome do projeto na entrada da escola, no espaço cultural e nas salas de aula. Essa construção foi coletiva e a cada dia levávamos um elemento novo para compor o espaço, como por exemplo, os chapéus do galã e da dama, muito coloridos e enfeitados com lindas penas.

As máscaras com seus traços, peculiares e fabricadas com material não comum, foram fonte de curiosidade para todos e receberam incansáveis toques de mãos de praticamente todas as crianças. *Que tipo de material é esse que molda o rosto do mascarado?* A exploração das características físicas dos materiais e também do próprio movimento são atividades essenciais na consciência corporal e criativa. As roupas, masculinas e femininas, chamaram muito a atenção das crianças: as calças e camisas feitas de tecidos com muito brilho, enfeitadas com fitas e lantejoulas e as saias amplas, concebidas de maneira a propiciar o rodopio das damas. Esse figurino característico, extremamente colorido, dá a sensação de algo inusitado e alegre.

Construímos também o “Cantinho da Música” na sala de aula, para que todos os alunos pudessem manipular e tocar os diversos instrumentos. Assistimos vários vídeos com apresentações dos Mascarados e realizamos a audição dos sons produzidos pela Banda Municipal, para tentarmos descobrir quais instrumentos são utilizados. Em seguida apresentamos o nome e a imagem de cada instrumento (saxofone, pistom, tuba, caixa-clara, tambor e prato) e o som que cada um deles produz separadamente.

Participação da família

Para envolver ainda mais os pais no projeto foi pedido a eles que levassem seus filhos para conhecer a Casa da Cultura e respondessem a um questionário junto com as crianças. As informações foram depois compartilhadas na sala de aula entre todos os alunos. O questionário consistia em direcionar as observações para alguns pontos que seriam importantes de conhecerem melhor, tais como:

- Quais as características visíveis usadas para diferenciar a *Dama* e o *Galã*?
- Quem borda as roupas?
- Como são organizados as roupas e os acessórios?
- É preciso ter uma idade mínima para dançar os Mascarados?
- Quais dos instrumentos utilizados para animar o grupo dos Mascarados estão disponíveis para visualização nesse local?
- Quem é a pessoa responsável pela organização do grupo?
- Como se faz para solicitar uma apresentação do grupo de Mascarados?

A participação da família foi de suma importância, pois percebemos isso na fala de muitos pais que vieram até a escola para socializar conosco a visita do local. Disseram que gostaram de participar junto com os filhos na observação dos trajes, que conheceram os instrumentos musicais utilizados pela banda, os acessórios dos dançarinos etc. Eles também participaram enviando para a escola algumas fotos tiradas no local.

Em outra oportunidade, foi pedido aos pais que construíssem alguns instrumentos para animar a banda musical da sala. Recebemos vários instrumentos, como: pandeiro, tambor, prato, saxofone, flauta, chocalho, bombo e reco-reco. O registro fotográfico feito em casa deu a dimensão e a magnitude que a nossa ação alcançou, pois os pais pesquisaram em várias fontes, organizaram os materiais (sucatas) e construíram junto com os filhos os instrumentos.

Parcerias como esta reforçam a importância da participação da família no processo de formação do aluno e sua importância é conhecida e tratada por vários estudiosos. Para Soligo (2001):

Quanto mais a família e a escola estiverem afinadas sobre o que deve ser o processo educativo, mais os alunos tendem a ganhar em aprendizagem, pois dessa forma se conquista uma complementaridade entre o que ocorre em casa e na sala de aula. (SOLIGO; ROSAURA, em: PROPOSTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, p.49)

As entrevistas

Durante o desenvolvimento do projeto realizamos várias atividades com as crianças, que envolviam música e dança, textos informativos sobre a história dos Mascarados, contados através de histórias com fantoche, apreciação de vídeos com a performance do grupo, reprodução de alguns passos da dança típica, atividades com desenho, colagem e pintura, e até entrevistas feitas na escola com protagonistas dos Mascarados.

Nesse sentido, elas tiveram o privilégio de conhecer, dois importantes participantes do grupo, antigos dançarinos e hoje coordenadores desta manifestação cultural. Para conhecer melhor nosso tema de estudo e organizar a conversa com os nossos entrevistados, elaboramos com os alunos um Roteiro de Entrevista.

As crianças descobriram que os participantes são somente homens (segundo eles devido ao grande esforço físico requerido, ao ritmo intenso e os largos passos que esta dança exige) e que usam máscaras para não serem identificados e também, possivelmente, para instigar a curiosidade dos expectadores. Esse encontro possibilitou que elas descobrissem outras particularidades ainda: que a apresentação é realizada por 3 balizas, 1 estandarte e pode possuir de 8 a 12 pares de dançantes; que existe entre os dançantes os que desempenham a função de Dama e a de Galã; que há um espelho no chapéu do Galã situado na parte da frente e no da Dama na lateral, entre outras mais.

Além da entrevista com os responsáveis pelo grupo Mascarados, convidamos também para nos visitar na escola componentes da Banda Municipal, com intuito de ampliar os conhecimentos sobre a história e o repertório musical dessa manifestação cultural. Dos 12 músicos que atualmente compõem o grupo, contamos com a presença de 3 de seus

componentes, que contribuíram com informações muito valiosas e que até então desconhecíamos.

- “A banda está envelhecendo, precisamos de iniciativas para que ela não se acabe”

- “Ao chegar os festejos dos santos, o responsável pelo grupo dos Mascarados ia à casa do Galã convidá-lo para brincar de mascarados e o mesmo era responsável em convidar a sua Dama”.

Essa conversa foi muito importante e esclarecedora pois, através dela, conhecemos um pouco da nossa cultura, ao mesmo tempo em que reconhecemos o sentido de valorizar os bens do patrimônio tradicional de nossa comunidade.

Os integrantes também nos mostraram os instrumentos musicais usados nos espetáculos, com os quais tocaram algumas músicas dos Mascarados.

Para finalizar realizaram uma breve apresentação interativa com as crianças, que assim além de participarem musicalmente puderam também “cair na dança”.

Os ensaios

Após a apreciação das músicas que compõem o espetáculo dos Mascarados, realizamos uma votação com cada turma para que fossem escolhidas as músicas da apresentação de finalização do nosso projeto. A duração dos ensaios que realizamos variou aproximadamente entre 25 a 45 minutos, com tempo progressivamente menor na medida em que as crianças foram se apropriando das músicas e dos passos.

Uma das turmas da Educação Infantil escolheu apresentar a 11ª parte da peça, denominada *Vilão*. Os ensaios foram divertidos, todos queriam participar e muitas crianças só de ouvir o som da música já começavam a se movimentar, pular e gesticular. Por mais que elas fossem pequenas (apenas 3 anos), a pouca idade em nada dificultou a proposta, pois já tínhamos feito um percurso promissor alimentados por informações relevantes.

Outro grupo escolheu a 5ª parte, denominada *Joaquina*. O seu ritmo marcado por passos rápidos foi incrementado com pulinhos alegres, trocados entre si e seus pares.

O terceiro grupo escolheu o *Trança Fitas*, que é a 4ª parte da peça. Nos ensaios decidimos que dois alunos teriam a responsabilidade de segurar o mastro ao centro e o restante dos meninos teriam a tarefa de segurar a ponta da fita, dançando ao redor e contornando o mastro. Ao se aproximarem do final da fita, os marcantes do centro se recolhiam e abriam a roda, formando uma fila com as Damas de frente para os Galãs. Depois todos dançavam alguns passos soltos, cada qual do seu jeito.

Já os alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental tiveram a contribuição do professor de Educação Física nos ensaios, ajudando-os a organizar a coreografia e adaptando os movimentos corporais. A música escolhida foi a *Harpejada* e o que diferenciou a apresentação de cada turma foi a coreografia singular que escolheram, bem como alguns objetos incorporados a ela, como: o arco, a bola e o *jump*.

Tivemos uma grande colaboração de um aluno do 2º Ano do Ensino Fundamental, que é integrante do Grupo de Mascarados Mirim, de nossa cidade, e neto do Coordenador do grupo. Com muita naturalidade, ele ensinou os passos frenéticos e rápidos, a duração da performance, a leveza e o equilíbrio nos rodopios, com presteza e dedicação.

Surgiu também uma questão de gênero durante os ensaios: se a dança dos Mascarados é executada exclusivamente por integrantes masculinos onde poderíamos inserir as meninas? Ponderamos que, trabalhando com a inclusão, como fazemos, elas não poderiam ficar de fora, e por isso decidimos inseri-las na banda, aproveitando também os instrumentos confeccionados em casa pelos pais e enviados à escola.

Os preparativos para a apresentação final

Começamos os preparativos para a grande apresentação final enquanto os ensaios continuavam a todo vapor. A cada dia nos surpreendíamos com as crianças: muitas que no começo estavam tímidas, no decorrer foram se soltando, dando passinhos e pulinhos frenéticos. Aquelas mais soltas transgrediam; pulavam, rodopiavam, cantavam, marcavam os passos ao som da música e se divertiam muito. Para elas tudo era motivo de uma grande festa!

Para os professores coube também a responsabilidade de confeccionar os chapéus juntamente com as crianças. Baseado na Proposta Pedagógica da Educação Infantil

o processo de criação artística, para a criança, pressupõe conhecer a Arte, e não restringir a decifrar códigos em um dado sistema. Implica relacionar-se sensivelmente com suas manifestações, podendo expressar-se ao fruir Arte ou produzir nas diferentes linguagens. (PROPOSTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, p.93)

O processo de ornamentar os chapéus foi muito interessante, observando-as segundo o ponto de vista delas; *“olha quanta cor bonita”*; *“quero colar todas as penas e lantejoulas no meu chapéu”*; *“primeiro vou colar as penas depois prego as missangas e as lantejoulas”*, *“acho que o chapéu quanto mais colorido mais bonito ele vai ficar”*.

Trabalhar a Arte com as crianças permite que elas façam suas leituras particulares e, em grande parte elas são sincréticas – como principal propósito a própria construção desse objeto simbólico pela criança. A experiência com as propostas de Arte oferece a oportunidade de desfrutar do objeto ou da manifestação artística, tomá-la para si, estar na posse dela para tirar proveito da experiência, se relacionar pessoalmente com isso e se transformar. (PROPOSTA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, p. 93).

Os pais também colaboraram muito ajudando-nos na confecção das roupas, e alguns deles optaram também por ir até a Casa da Cultura e pedir emprestado as indumentárias dos integrantes mirins. Observamos dessa forma uma relação mais estreita entre os responsáveis dos alunos e a escola, o que foi fundamental para reafirmar o compromisso sobre as tarefas, os projetos, as atividades e as mostras dos trabalhos. Essas ações servem para aproximar a família e a comunidade da vida escolar dos seus filhos.

A apresentação final

Finalizamos o projeto nos dias 07 e 09 de Dezembro no período da manhã, com a participação de quase todas as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, seus pais, responsáveis e comunidade em geral. Foi gratificante ver o capricho dos pais para que seus filhos pudessem brilhar nesse dia tão esperado. As crianças estavam muito felizes e foi perceptível observar a satisfação no olhar de cada uma delas. Algumas estavam apreensivas antes de começar a dança, mas no momento em que entraram na quadra este temor desapareceu. Sob o comando e olhares atentos dos seus professores e plateia, elas se envolveram intensamente com o ritmo contagiante dos passos, levando os expectadores a acompanhar com batidas de palmas e pés esta expressiva manifestação cultural.

Para nós da equipe escolar ficou evidente a importância do papel que a escola tem junto à comunidade local, enquanto espaço de trocas de experiências, de informações, de conhecimentos, de diferentes saberes, e principalmente de transformações. Enfim, a escola é por excelência tanto o lugar onde se disseminam informações e se difunde o conhecimento, quanto ainda a instância privilegiada onde se abriga e se produz de maneira viva o que chamamos de cultura.

Referências

JOLY, Ilza Zenker Leme. Cultura musical na Educação Infantil. In: ABRAMOWICZ, A. et al. Trabalhando a diferença na educação infantil: propostas de atividade. São Paulo: Moderna, 2006. p. 81-87. Revista da ABEM n. 21 março 2009.

SESC, Serviço Social do Comércio. Proposta Pedagógica da Educação Infantil do Sesc 2015; p. 49, 74, 93.

SESC, Serviço Social do Comércio. Proposta Pedagógica do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, p. 227.